

NOVOS HORIZONTES

(Autores Diversos)

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

Rubens Silvio Germinhasi

1ª Edição
5.000 Exemplares
1996

SUMÁRIO

Editor.....	03
Dialma Coltro Filho.....	04
Dialma Coltro.....	07
Paulo Grassmann Amante.....	09
Angelo di Sarno.....	11
Sérgio Faccio.....	13
Denize Freire Valença.....	15
José de Lima Géó.....	17
Paulo Fernando Furlan.....	19
Augusto Cezar Netto.....	23
Dr. Bezerra de Menezes.....	26
Marcelo Moisés Casali.....	28
Carlos Alberto dos Santos Dias.....	31
Carlos Eduardo Frankenfeld de Mendonça.....	35
Maria Joaquina Pinto.....	40
Neide Della Nina.....	42
Ricardo Romano Secchieri.....	44

Amigo Leitor,

O homem vem em sua marcha evolutiva, caminhando aceleradamente rumo ao progresso, vencendo barreiras para descobertas maravilhosas. No entanto, há um milenário ponto de interrogação: a morte, que continua ferindo sentimentos e torturando inteligências.

A obra que chega hoje às suas mãos responde a essa questão, trazendo alívio e consolo àqueles a quem essa dúvida tortura e faz sofrer.

Através das mensagens e testemunhos aqui grafados, encontraremos consolo e a certeza de que a morte não existe e aqueles a quem amamos vivem e estão conosco, em diferentes dimensões é verdade, porém unidos por esses laços profundos marcharemos juntos pela eternidade.

DIALMA COLTRO FILHO

Cuidadoso, habilitado colecionador de armas de fogo, e habituado ao seu manuseio, preocupava-se em mantê-las limpas e bem acondicionadas. Tinha plena consciência do perigo que representavam.

Estudava o segundo ano de direito na FMU e almejava seguir a carreira de Delegado de Polícia.

Com a venda de um automóvel aceitou como parte de pagamento um mauser 365e, com os cuidados de sempre, desativou a arma retirando o pente de balas para processar pequena limpeza e guardá-la com as outras colecionadas. Não percebeu, o nosso querido Dialma que uma das balas ficara na agulha provocando o disparo acidental conforme relato em sua carta. Esclarece Dialma à sua família, em pormenores, apesar de julgamentos outros, surpreender-se com as revelações que o cercaram. Aos pais, pede que o ajudem com o desprendimento dos seus sentimentos e diminuam as despesas com atributos em sua memória, aplicando-as no amparo aos mais carentes para sustento de sua paz.

Quando perguntado à sua mãe a razão do Dialminha ter finalizado sua carta com quatro assinaturas nos disse:

“Meu filho finalizou a sua carta com as quatro assinaturas, porque as pontas dos lápis se quebravam. O Sr. Weaker Batista, hoje no Plano Espiritual, estranhando o fato, perguntou ao Chico a razão da quebra dessas pontas. O Chico respondeu-lhe:

- O nosso rapaz é canhoto, essa a dificuldade.
 - Confrontando as assinaturas, posso afirmar a semelhança existente.
- E confirmou a observação: meu filho era canhoto.”

Mensagem:

18 de agosto de 1983

Pais:

Dialma Coltro e Júlia Pereira Coltro

Av. Paes de Barros, 1425

CEP 03115-001 – São Paulo – Sp

Irmãs: Luíza Cristina Coltro – Nídea Rita Coltro

Avós paternos: Luigi Coltro (desencarnado) – Luigia Boarotto Coltro

Avô materno: Antonio Alfredo Pereira (desencarnado)

Bisavós: Arthur Ferreira – Júlia Rodrigues Ferreira (desencarnada)

Tios: Fortunato Ni-Coltro (desencarnado) – Giovanni Coltro – Teresa Gimberi Clemens Coltro

Primos paternos: Luigi Gimberi – Hermínia Ferreira Pereira (desencarnada)

DIALMA COLTRO FILHO

Nascimento:

18 de agosto de 1962

Desencarnação:

14 de abril de 1983

DIALMA COLTRO FILHO

Querida Mãezinha Júlia e querido Papai Dialma, tudo passou com a vertigem das horas e aqui me vejo, sob a proteção do tio Nider Fortunato, a lhes pedir a benção. Ao contrário do que se afirma, ou do que muita gente possa pensar, estou recuperando as minhas forças, surpreendido com todas as revelações que me cercam. Tenho a considerar a minha inquietação com as

lágrimas incessantes da Mãezinha, que me alcançam à maneira de gotas cadentes de angústia em brasa.

Mãe, por que há de ser assim?

Tudo aconteceu comigo à maneira de tantos jovens outros que superaram obstáculos iguais aos nossos.

Creiam com as meninas, irmãs abençoadas de sempre, que o projétil que me alcançou não estava em meus pensamentos de expectativa e, sim, nas Leis de Deus que se cumprem através de nós e por nós.

Limpava a arma, com despreocupações, supondo que não houvesse qualquer remanescente nos mecanismos em minhas mãos.

Em dado instante, alonguei o braço para ver se a arma estava legalmente limpa, quando, sem querer, detonei a bala única que restava ali, sem que eu soubesse. O tiro escapou sem que de minha parte conseguisse sanar as conseqüências.

Caí, apesar do meu propósito de permanecer atento aos curativos que, decerto, me seriam administrados. Ouvi vozes e gritos abafados, tentando responder, mas, a minha boca jazia selada por uma força que não compreendi. Procurei sustentar o cérebro aceso, a fim de prestar as informações necessárias, no entanto, aquilo foi um achatamento de minha personalidade.

Achava-me acordado, observando o que se passou, contudo, a minha força se esgotava rapidamente.

A lesão repentina que sofrera no crânio, como que me tomava todas as energias. Era como se meu corpo naquela hora estivesse concentrado na cabeça, sem que me fosse possível externar qualquer impressão.

Lembrei-me das orações que a Mamãe Júlia e a vovó Hermínia me ensinavam quando criança e busquei harmonizar-me com a prece. No meu íntimo, vagueava aquele medo de ser considerado suicida ou alvejado por outra pessoa, mas era tarde demais para que me entregasse a qualquer explicação.

Entre num sono invencível e perdi-me nas considerações inacabadas que tentava formular...

O resto não sei. Não sofri dor alguma porque, onde o impacto do sofrimento é pesado demais, a dor desaparece... Meus últimos pensamentos no corpo foram para a Mãezinha Júlia, cujas lágrimas tive a idéia de que me orvalharam o rosto.

Depois, foi a inconsciência, com uma espécie de ocultação de meu próprio ser. Quanto tempo estive assim, nem exatamente vivo, nem suficientemente morto, ainda ignoro. Sei que despertei num aposento simples e arejado, com a cabeça dolorida. Julguei-me num local de tratamento para acidentados.

Respirei o ar puro, como quem sorve um copo de água refrigerada depois da sede ardente e, ao ver a senhora que me assistia, supus com naturalidade fosse uma enfermeira tão humana quando eu mesmo. As nossas situações estavam, porém, trocadas, sem que eu me apercebesse disso, em sentido imediato.

Quando a senhora protetora se inclinou para mim, indagando se não a reconhecia, respondeu ao meu pedido de informações:

- Não se lembra da vovó Júlia, vó da mamãe e sua, também?

Rememorei traços de conversações domésticas em que a vó Hermínia me falava com saudades da Mãezinha que a deixara no mundo e, com o espanto compreensível do momento, deixei que as lágrimas me nascessem do coração, subindo para os olhos...

Não poderia ver meus pais e as queridas irmãs Cristina e Nidea, que haviam ficado para trás?

Com paciência e carinho, a querida bisá Júlia me explicou que a libertação do corpo físico não me desligara dos meus, que conseguiria reaproximar-me deles e mostrar-lhes o carinho e afeição que lhes dedicava... Chorei, à maneira de menino contrariado, mas, acalmei-me quando o tio Nider se nos associou ao trabalho de minha restauração, com a promessa de que promoveria meios de obter o ensejo de falar-lhes.

Hoje, querida Mãezinha Júlia, estou mais sereno e venho pedir-lhe para me permitir aceitar a transferência que a Divina Bondade de Deus me exigiu...

Não posso ser ingrato e preciso falar que aceito a realidade, sem o conflito de quem afirma uma coisa, sentindo outra.

Mãezinha, peço ao seu querido coração e ao querido Papai me entregarem a Deus, para que a paz volte ao coração de seu filho. É muito triste necessitarmos de falar isso ou aquilo, sem a aprovação de nossa consciência, e peço-lhes me ajudarem a ser sincero.

Logo que se reajustem, sei que vou melhorar e reconquistar o domínio de mim mesmo.

Mãezinha, agradeço-lhe as preces, as flores, as velas e pensamentos de reconforto que me envia, no entanto, embora esteja agradecido ao seu carinho, peço-lhe diminuir em dois terços as suas despesas com esses recursos, distribuindo-os, em nome de seu filho, com as mães e os filhinhos em necessidade, que não terão dificuldade para encontrar.

Fico feliz com algumas flores e algumas luzes, porque o seu sentimento é o tesouro de amor que Deus me concedeu, no entanto, o que lhe peço me auxiliará a ver melhor a vida e a trabalhar com a segurança possível, em auxílio aos outros. Servindo, já sei que as minhas lembranças menos felizes serão substituídas pelas alegrias que a sua bondade possa encaminhar aos necessitados, em meu nome.

Essa é a lembrança da Vovó Júlia que me recomendou endereçar-lhe este pedido, extensivo à Vovó Hermínia. E, quanto ao mais, esqueçamos o projétil que me ardeu do corpo terrestre. Imaginemos, querida Mamãe, que sofreu a ruptura de um vaso cerebral e, com isso, verificará que o meu problema, já superado, teria sido o mesmo. Espero que o Papai Dialma aprove a nossa solicitação e nos auxilie.

Querida Mãezinha Júlia e Papai Dialma, não posso escrever mais. Sou um novato e um convalescente, sem maior experiência do caso que me aconteceu. Preciso de cuca legal para colocar os nossos assuntos em ordem na minha prateleira de lembranças.

Para as queridas irmãs Cristina e Nidea, as minhas lembranças, rogando aos pais queridos receberem todo o carinho repleto de muitas saudades do filho que lhes pertence e que lhes será sempre o filho do coração.

Dialma Coltro Filho
Dialma Coltro Filho
Dialma Coltro Filho
Dialma Coltro Filho

DIALMA COLTRO

“Onde está o meu filho que não se acha conosco?”

Expressão deixada em sua carta quando de sua consciente desesncarnação, procura em suas lembranças a presença do filho que o precedera em 14.04.1983, em decorrência de acidente por arma de fogo.

Dialma Coltro, por infarto do miocárdio, deixou a vida.

Comenta, com muito carinho, o valor da companheira que se fez bênção no instante em que o seu desconforto exigia a compreensão e o equilíbrio.

Valoriza a presença terrena na exaltação do lar, colocando-o como santuário sagrado. Respeitando em sua vida esse valor, desejava continuar no corpo físico e, nessa impossibilidade, recebe dos Amigos e Benfeitores Espirituais o socorro com as energias necessárias para compreender a sua nova situação. Entra em sono profundo e retoma gradativamente o controle, conseguindo conversar em padrões de normalidade.

Riqueza de informação, claramente nos faz observar que a vida continua com todos os detalhes vividos no plano terreno, esclarecendo ainda que a prece elevada de valores reais chega à origem, em favor de quem é lembrado.

Mensagem:

6 de julho de 1989

Esposa:

Júlia Pereira Coltro

Av. Paes de Barros, 1425

CEP 03115-001 – São Paulo – Sp

Pais:

Luigi Coltro (desencarnado)

Luigia Boarotto Coltro

Filhos:

Luiza Cristina Coltro

Nidea Rita Coltro

Dialma Coltro Filho (desencarnado)

DIALMA COLTRO

Nascimento:

27 de setembro de 1927

Desencarnação:

20 de fevereiro de 1989

DIALMA COLTRO

Querida Júlia, Deus nos abençoe e nos guarde a todos.

Afinal, acolhia-me em seu amor, a fim de deixar o corpo que trazia o coração prestes a parar. Abraçando-a, tive a idéia de que poderia entregar-me ao colapso que me sondava, antes de chegar em casa. Sentia-me aflito, como se algum poder invisível me sufocasse. Ao abraçar você um suave calor me reanimou, de improviso, e consegui descansar. Naquele instante não pude saber que eu estava sob o domínio da desencarnação.

Deitei-me com o seu carinho a envolver-me e senti que, na intimidade do peito, o órgão da vida parara de bater.

Repeti preces que sempre nos foram queridas e, sem esforço, comecei a ver Protetores que sempre conseguia vislumbrar, junto do nosso amigo Guedes, em nossas tarefas espirituais.

Davam-me passes, falavam palavras de conforto, das quais somente escutava alguns fragmentos e, alguns deles, me colocavam as mãos na cabeça, aliviando-me quanto às dores que eu registrava e, em seguida, vi por cima de todos nós uma luz que parecia descer do teto sobre mim.

Essa luz me tomou o corpo todo e aos poucos me levantei.

Vendo-me de pé, fitei o meu corpo inerte e escutei as súplicas ardentes para que o seu velho ficasse.

Eram muitos os companheiros que compartilhavam de nossas reuniões, a me sorrirem, até que um deles me convidou a segui-los para a recuperação de que eu estava necessitado.

Meu Deus, é muito difícil a desencarnação para quem se achava consciente, qual me via, embora me reconhecesse embriagado por energias que não me eram familiares. Encontrava-me, porém, ligado a você por laços fortes e, depois ao abraçar nossa Nidea, chorei à maneira de uma criança...

As forças que me faltavam foram complementadas pela proteção dos companheiros que me aguardavam e consegui acompanhá-los.

- Onde está meu filho, que não se acha conosco? – perguntei a um dos Protetores que respeito por meu chefe. E onde estão Luíza e o esposo? – O interpelado respondeu com gentileza:

- Seu filho ignora, por enquanto, a sua desencarnação e os outros parentes estão aqui pelo coração.

Como se fosse um prisioneiro que recusasse a própria libertação, desejando continuar na cadeia física, expliquei que não queria sair de casa e que o lar para mim era um lugar sagrado e não um cárcere. Mas os amigos me permitiram voltar ao leito e aplicaram-me passes novamente, entrelaçando as mãos em torno de minha cabeça, e perdi a atitude de vigilância a que me confiara passando ao sono de que tantas vezes ouvíamos falar em nossas reuniões, quando se comunicavam sofrendores desencarnados.

Suponho que me demorei longo tempo naquele repouso obrigatório, até que pudesse conversar como eu precisava. Agora posso afirmar a vocês que estou bem, retomando, gradativamente, as minhas faculdades.

Agradeço a você e à nossa filhinha as lágrimas encharcadas de orações com que me lembraram e, peço a Deus por toda a família.

Para mim, a novidade mais confortadora é saber que você e a nossa menina estão de partida para a Itália, especialmente para abraçar minha mãe Luigia e distribuir as minhas lembranças com os nossos familiares.

Espero que fiquem contentes, Júlia, com a madre querida e Nidea com a Nona que as esperam de braços abertos.

Feliz viagem é o que lhes desejo. Lamento não estar fisicamente aí para ser parte da excursão, mas por outro lado, me consolo, reconhecendo que se eu estivesse aí, talvez não se falasse nisso porque vocês sabem que eu vivi escravizado ao trabalho inadiável. No entanto, irei com vocês e farei o possível para estar com o nosso pessoal e vocês, tantas vezes quanto se me faça possível.

Peço-lhes agradecerem ao Guedes e aos nossos companheiros de fé em Deus, quanto fizeram em meu benefício. Recebi amparo e orações de todos e estou ignorando como agradecer.

Não posso alongar-me porque outros deveres me esperam.

Lembro-me de nossa Hemínia e de nosso Antonio, que considero também por meus pais e compreendo que ainda sou um obreiro muito pequeno, e peço a Deus pela saúde e paz de todos.

Filha querida, receba o carinhoso abraço do papai e você, querida Júlia, guarde sempre a certeza do amor imenso e do reconhecimento sem limites do seu esposo e companheiro, amigo e servidor.

DIALMA COLTRO

PAULO GRASSMANN AMANTE

Um artista dotado de qualidades excepcionais, este jovem de 26 anos, inteligente, economista e espiritualista, aos 6 anos de idade era considerado pela família verdadeiro astro-mirim. Representava, cantava e, como instrumentista, granjeava efusivos aplausos quando sentado ao piano deliciando os espectadores com belíssimas canções.

Nos conhecidos festivais de inverno de Campos do Jordão, Paulo, por volta de 1980, foi vitorioso em concurso de canto, com sua voz de tenor.

Por sua versatilidade em outros idiomas, como italiano, inglês, castelhano, alemão e o bom conhecimento de português, ganhou uma bolsa de estudos para a Alemanha, em Stuttgart, quando estudava em Colégio Alemão, no bairro do Brooklin paulista.

Por não ter guardado sua saúde corpórea, prendeu-se a enfermidade que deflagrou suas defesas orgânicas, a ponto de exigir-lhe cuidados redobrados de paciência e compreensão.

Ao se perceber na Vida Espiritual, externa o seu arrependimento, aceitando nas Leis de Deus a misericórdia para formar planos em novo estágio na Vida Física.

Durante a doença, por várias vezes, em visões, deparava com a presença do pai, confirmada em sua carta, a fazer-se seu guia nos caminhos novos prestes a seguir.

Em seu tratamento, em análises periódicas, redescobre-se à feição de um homem que amadureceu por obrigação.

Mensagem:

21 de abril de 1989

Pais: Diva Gassmann – Elpídio Amante (desencarnado em 12.05.1978)

Rua Guimarães Passos, 147

CEP 04107-030 – São Paulo – Sp

Avó materna:

Mafalda Grassmann

Avó paterna:

Líbia Castellani Amante

Avô paterno:

João Amante

PAULO GRASSMANN AMANTE

Nascimento:

19 de junho de 1963

Desencarnação:

2 de abril de 1989

PAULO GRASSMANN AMANTE

Querida Vovó Líbia, meus dias aqui estão recomeçando, mas o meu desejo de reconfortá-la é tão grande que os Protetores me permitiram dirigir-lhe algumas palavras.

Querida avó, se eu pudesse teria afastado de mim a provação que me devastou o corpo, mas estamos submetidos a leis que não podemos ilaquear. Compreendo os objetivos da prova que me acolheu e peço-lhe perdão pelo trabalho e pelo sofrimento que lhe causei.

Interrompi a minha existência ante os desequilíbrios aos quais me entreguei, mas, assim como o CRIADOR estabeleceu dias sempre novos em nosso favor, penso que depois do tratamento em que me vejo, poderei formar planos para novo estágio na Vida Física.

Meu tratamento será longo, pois trouxe meu próprio sangue necessitado do concurso de análises periódicas, no entanto, o menino que eu era está renovado à feição de um homem que amadureceu por obrigação.

Por enquanto não tenho outra atividade que não seja o tratamento preciso, mas logo que eu possa, procurarei retribuir-lhes o carinho e a paciência que me doaram em alto nível de compreensão.

Vovó Líbia, diga a todos os nossos de meu arrependimento por não ter guardado a minha saúde corpórea, como seria o meu dever e, com a humildade que ainda não tenho, rogo desculpas à nossa família.

Felizmente, o meu teste, em que obtive as provas mais difíceis em matéria de prudência e respeito ao refúgio do corpo, já passou. Sinto-me reprovado mas não em desespero porque, queira ou não, sou induzido a aceitar a compaixão de Deus. O pai Elpídio me auxilia e me guia nos caminhos novos que me compete atravessar.

Aos que não puderem lembrar com entendimento e caridade, peço para que se não me agravem a dor com novas faixas de auto-condenação e arrependimento.

Querida avó Líbia, agradeço as suas orações em meu favor e perdoe o seu neto que lhe vem trazer o coração, sempre seu,

PAULO

ANGELO DI SARNO

“Outra vida! Como é importante pensar nisso.”

Palavras que acalmaram a família. Angelo traz suas notícias de forma limpa, clareando e amenizando os sentimentos que agitaram a tranquilidade familiar.

Projeta a importância de se valorizar a vida para quando chegar o momento da passagem para o Outro Plano, o retorno possa ser compreendido com respeito e o espírito aceitar a nova situação.

Angelo voltava de Ilha Bela e preocupado com suas obrigações na empresa papelreira que representava em Valinhos, cidade do interior próxima a capital de São Paulo, aproveitou para fazer uma parada rápida e um pequeno lanche em sua casa, apesar do convite de sua mãe para que esperasse o almoço.

Atento com o andamento da produção da empresa, saiu em seguida dirigindo-se para a fábrica, dizendo a sua mãe que não se preocupasse, pois voltaria para o jantar.

No viaduto de entrada da rodovia Bandeirantes, em São Paulo, acidentou-se com o veículo, vindo a desencarnar.

Os projetos constituídos nas Leis de Deus são aprovados com o aval do reencarnante, portanto, a observação de Angelo em valorizar a vida nas obrigações que a cada espírito compete nas atividades terrenas, posiciona a compreensão como bálsamo espiritual.

Mensagem:

16 de fevereiro de 1922

Pais:

Aniello di Sarno e Rosa Miranda di Sarno
Alameda Argentina, 671 – Res. II – Alphaville
CEP 06400-000 – São Paulo – Sp

Irmãos:

Giovanni di Sarno
André di Sarno

Bisavó:

Ana Maria

ANGELO DI SARNO

Nascimento:

21 de outubro de 1963

Desencarnação:

17 de fevereiro de 1988

ANGELO DI SARNO

Querida Mãezinha Rosa.

Deus nos abençoe e fortaleça.

Tudo passou tão depressa que não sei como recordar o sucedido.

O carro descontrolado e a certeza de que bateria em algum corpo sólido... Esforcei-me por sair do perigo e saí violentamente pela porta, entretanto, o movimento era intenso e, incapaz de equilibrar-me, caí para trás, sentindo que o meu crânio fora lesado pela quantidade de sangue que se desenvolveu de imediato, trazendo-me tal esgotamento que entendi a situação. Não conseguiria descartar-me do acidente, sem que a paralisação de todos os meus movimentos fosse evitada.

Os desconhecidos que me rodeavam lamentavam o meu desconforto, outros queriam ver o veículo e se puseram a examiná-lo, até que os agentes da polícia do trânsito chegassem e me anotassem a posição de imobilidade e falaram em morte, o que realmente me assustou.

Quis reagir, explicar que eu estava vivo, que decerto as escoriações deviam estar vertendo muito sangue, mas, não consegui.

Uma inesperada fraqueza me assaltou e perdi o controle de mim próprio. Eu devia estar muito quebrado e ferido, porque não pude articular palavra.

Então, senti que mãos amigas me carregavam e me puseram dentro de outro carro, sem que eu pudesse saber, de momento, que era uma ambulância. Notei vagamente que o carro se pusera em movimento e que me transportavam para algum lugar.

Notei que uma senhora estava comigo naquele veículo e me falou palavras de consolo e esperança:

- Você não está só – disse ela em harmonioso italiano. E continuou:

- Angelo, meu filho, aceite com fé em Deus a provação desta hora. Sou uma de suas bisavós e quero pedir-lhe confiança e paciência.

Você está no corpo físico e, ao mesmo tempo, fora dele...

Não se alarme com o que lhe digo, porque estaremos juntos com outros corações de nossa família. Você está cansado e precisa repousar. Durma. Pode dormir sem medo... Você será transportado, durante o sono, para o lugar de nossa moradia. Durma... Durma!

Diante daquela bondade que me acolhia com atitudes de Mãe, entreguei-me ao repouso observando que os meus sofrimentos haviam sido anestesiados. Devia ser ela a generosa senhora que me acolheu dentro do carro e que me havia medicado.

Dormi pensando que eu ainda teria chance de ir até a nossa casa para abraçá-la e abraçar o Papai Aniello, e os irmãos Giovanni e André, mas acordei numa outra paisagem. Não mais me senti dentro do carro e, sim numa casa acolhedora cercada por um bonito “giardino”.

Embora muito fraco, perguntei quem era aquela senhora que me socorrera no veículo, dirigindo-me a ela mesma. Ela me disse sorrindo:

- Meu filho, somos tantos corações aqui unidos que para alcançar a sua compreensão, direi apenas que sou avó da avó de sua avó Ana Maria e deixei a Itália há muitos anos.

Não me animei a continuar com indagações e nem tinha forças para isso. A falta de casa me doeu no coração. Estava machucado e meu corpo me pareceu o mesmo e fui informado que não me enganasse, que o meu corpo era outro e que o anterior deixara para sempre, a fim de obter outro envoltório com o qual passaria ali a viver.

Querida Mãezinha, as minhas apreensões foram enormes e chorei muito, até que os familiares ali reunidos me acalmassem.

Outra vida! Como é importante pensar nisso!

Não posso continuar porque os amigos daqui me dizem para não me exceder. Já compareci em muitas reuniões parecidas com esta, mas somente agora permitiram que eu lhes desse notícias.

Estou bem, com as saudades a tiracolo, mas isso é natural.

Vivemos tão felizes em nosso lar, que me seria impossível aceitar tanta modificação sem inquietação e sem a vontade impossível de retornar.

Aqui estamos juntos com muita união e pedimos a Deus que nos proteja.

Mãezinha querida, não posso escrever mais extensamente.

Receba, com o papai, e com os nossos rapazes e irmãos queridos, Giovanni e André, o coração reconhecido e saudoso de seu filho,

ANGELO

SÉRGIO FACCIO

Importante observar que o ente querido que parte precedendo-nos no tempo de vida aqui na Terra, preocupa-se também em saber como ficamos.

Relaciona na listagem de bênçãos a melhor e mais tranqüila posição, os familiares que ficaram na saudade a não se precipitarem em aflições que o martirize. Se recomponham rapidamente, despojando-se do que possa identificá-lo como lembranças e alimentar na saudade os momentos saudáveis que tivera na vida familiar, completando com a paz desejada. Revela nessa preocupação que a compreensão dos entes que ficaram é o lenitivo que coloca na melhor saúde espiritual, ampliando-lhe na fé o desejo ardente em servir com mais altruísmo e abnegação aos carentes da vida.

“Estou satisfeito ao vê-los conformados e felizes, com os queridos irmãos e com todos os nossos familiares.”

Com justo respeito reconhece no casamento de sua ex-noiva Priscila, uma bênção por ter encontrado um esposo que a fará feliz.

Reforça e enaltece os exemplos de trabalho de seus pais como anjos de amor e gratidão, colocando-os como abençoado roteiro.

Mensagem:

29 de julho de 1993

Pais:

Elio Faccio e Zilah Carvalho Faccio
Rua Laerte Assunção, 198
CEP 01444-040 – São Paulo – Sp

Irmãos:

Ricardo Faccio
Ines Faccio

Noiva: Priscila

SÉRGIO FACCIO

Nascimento:

30 de janeiro de 1965

Desencarnação:

19 de julho de 1989

SÉRGIO FACCIO

Querida Mãezinha Zilah e querido Papai Elio.

Estou presente e pedi permissão para trazer-lhes o meu carinho.

Estou satisfeito ao vê-los conformados e felizes, com os queridos irmãos e com todos os nossos familiares.

Estou muito confortado ao saber que a Mamãe Zilah encontrou a mãezinha do meu companheiro no choque de carros que nos trouxe para este Novo Mundo, que nos serve de moradia.

Lembranças ao mano Ricardo e querida irmã, que ainda hoje me lembram com carinho tão nosso.

Lembranças à nossa querida Priscila, que não foi somente minha noiva mas, também, irmã muito amada. Lembro-me dela com justo respeito e regozijo-me por vê-la casada com um homem de bem que lhe faz a felicidade.

Não podemos esquecer-los. Casar-se foi uma bênção para nós. Não resignava ao vê-la sofrer por minha causa, porque o acidente que me afetou o corpo físico foi uma tragédia que a princípio nos causou uma imensa desolação.

Agora o nosso lar caminha à maneira de um comboio bem dirigido e, graças a Deus, eu noto a Mamãe Zilah fortalecida e bem disposta.

Tudo comigo vai seguindo sem grilos a constar.

Felizmente, com as lembranças e preces que recebo de todos, sinto-me restaurado e, se não fosse a profunda saudade de casa, posso dizer que estou contente.

Querido papai Elio, os seus exemplos de trabalho são o meu abençoado roteiro.

Lembranças a todos os nossos e recebam o meu imenso carinho.

Aos queridos pais, meus anjos da guarda na Terra, o amor e a gratidão, o respeito e a constante admiração do filho que lhes deve tanto e que lhes deseja paz e felicidade, agora e sempre.

SÉRGIO FACCIO

DENIZE FREIRE VALENÇA

Denize está com a presença mais definida em seu conhecimento espiritual, comprovado pelas diversas cartas enviadas à família.

Esta moça desencarnou na flor da idade, 23 anos, em acidente automobilístico no bairro de Ipanema, Rio de Janeiro, há mais de 10 anos, atendendo ao chamado de uma amiga para um passeio.

Em pouco tempo ao seu retorno à Pátria Espiritual, conseguiu absorver ensinamentos que posicionam essa jovem como lenitivo nas aflições decorrentes da separação física.

Consegue ela sugerir à família, como receita, verdadeiras jóias em frases de estímulo e reconforto, abrindo um leque de informações, não só à sua mãezinha, mas também aos que se encontram em idêntica situação.

Enumera-as com propriedade e recomenda a quem quiser encontrar apoio para amenizar as suas amarguras, que confie no seu dia-a-dia ativando, no prazer de servir, a fé no amanhã com Deus.

Mensagens:

20 de junho de 1987

21 de maio de 1988

Pais:

Djair Gonçalves Valença

Doralice Freire Valença

R. Alberto de Campos, 10 – Bloco A – Ipanema

CEP 22421-020 – Rio de Janeiro – Rj

Avó:

Maria Purificação da Silva Freire (desencarnada em 24.4.1988)

Tia:

Marina Freire

DENIZE FREIRE VALENÇA

Nascimento:

19 de janeiro de 1962

Desencarnação:

24 de maio de 1985

DENIZE FREIRE VALENÇA

Querido Papai Djair e querida Mãezinha Doralice.

Com os meus agradecimento, as minhas preces a Jesus pela paz de nós todos.

Mãezinha, continuo a velar pela vovó Purificação cujas forças orgânicas têm decrescido nos dias últimos.

A tia Marina, a você mesma tem perguntado se não temos um remédio eficaz para as moléstias da alma, e lembro-me de uma receita que um médico me aconselhou a empregar:

Para os desgostos da vida – auxiliar a um doente.

Para as rixas domésticas que se repetem semanalmente – amparar um enfermo em condições graves.

Para solucionar os problemas afetivos – adotar um doente por familiar dos mais queridos e doar-lhe toda a assistência que se nos faça possível.

Para a extinção de contratemplos em serviço – apoiar um doente com mais empenho no auxílio em favor dele.

Para tentações – proteger um doente que nos faça ver a brevidade das paixões corpóreas.

Para tristeza – visitar um doente, doando-lhe otimismo e esperança.

Para as saudades que oprimem o coração – socorrer a um doente que nos tome o tempo disponível para pensar sem proveito.

Parece que a nossa receita é simples, mas quem puder ou quiser cultivá-la encontrará mais facilidades para viver e conviver.

As doenças do corpo são remédios para a cura do espírito pessimista e denotado por amarguras sem razão de ser.

Ao Papai Djair os meus votos de muita paz e saúde e para a Mãezinha Doralice, todo amor da filha agradecida.

DENIZE

DENIZE FREIRE VALENÇA

Querida Mãezinha Doralice e querido Papai Djair, Deus nos fortaleça.

Venho trazer-lhes as notícias da Vovó Purificação.

A companheira na enfermagem de todas as fases do abatimento a que se viu acometida nos dias últimos, que lhe prenunciavam a desencarnação.

A Vovó já se encontra muito melhor e começou a sair da amnésia que a entorpeceu por vários dias.

Fala muito nas filhas queridas, especialmente na filha Dorinha, a querida mamãe que sempre a cercou de ternura e amor.

Peço para que prossigam orando por ela, pois a prece é um bálsamo de alto poder de cura das saudades e das recordações que nos amarguem a alma.

Em suma, tudo segue bem e sou feliz por haver adotado o caminho de enfermeira, pois, desse modo, pude seguir a nossa querida em todos os dias da moléstia que, gradativamente, a separou do corpo.

A Vovó está em paz e isso é muita bênção, quando somos tanta dor entre os recém-desencarnados.

Querido Papai Djair, estou muito grata ao seu apoio à nossa família Freire Valença, e espero que Jesus haverá de recompensá-lo com multiplicadas bênçãos de saúde e paz, alegria e bom ânimo.

Ao reuni-los em meus braços de filha reconhecida, rogo a Deus nos mantenha sempre unidos na solidariedade e na confiança com que a fé em Deus nos abençoa constantemente. Nesse abraço, fica a alma toda da filha sempre grata.

DENIZE

JOSÉ DE LIMA GÉO

Retrato familiar: constante diálogo.

Presença fiel de pais e filhos que se reconhecem na extensão das responsabilidades familiares. O pai não deixa de ser o espírito protetor mesmo quando visualiza a carência suprida no seio familiar. O respeito e a amizade sacramentam o “amai-vos uns aos outros”, consolidando o amor que reúne e ampara os envolvidos pelos laços da Paternidade Divina. Deixa claramente, no seu despertar esta realidade, quando se viu capacitado para continuar empreendendo o relacionamento natural na visão de espírito desencarnado.

Vejamos o que ele diz:

“Saiba que já consigo estar em sua companhia na orientação necessária aos filhos que prosseguem nas atividades que ainda me pertencem pelo coração. Os assuntos são muitos para serem enfiados numa carta.”

José de Lima Géó, conhecido mais intimamente como Ourívio, envia sua carta assinando-a com o apelido que se tornou nome.

Fato a se notar:

Como poderia o médium Francisco Cândido Xavier ter conhecimento dessa alcunha se não teve, na oportunidade, qualquer contato com a família?

Estamos fazendo menção especial deste fato para que o leitor perceba o valor e a lisura dessa mediunidade, Ourívio não é um nome comum na classificação humana.

Mensagem:

18 de setembro de 1988

Pais: Antonio Géó e Ana de Lima Géó

Esposa: Olga Carvalho Géó

Rua Marquês de Maricá, 229

CEP 30350-070 – Belo Horizonte – Mg

Filhos: Toninho – Antonio de Lima Géó (dês.)

José de Lima Géó

Sogro: João Vieira de Carvalho

Médicos da Família desencarnados:

Sálvio Nunes, 5 anos antes de Antonio Géó.

Conor José de Siqueira, em acidente automobilístico quando em visita a um paciente.

Amigo da família:

Joel Franco, companheiro de trabalho.

JOSÉ DE LIMA GÉO

Nascimento:

6 de janeiro de 1902

Desencarnação:

12 de abril de 1981

JOSÉ DE LIMA GÉO

Querida Olga e José meu filho, Deus nos abençoe e proteja.

Não será difícil dirigir-lhes algumas palavras, porque, em verdade, já não sou novato no intercâmbio espiritual.

Em todas as nossas reuniões de prece, ou em quase todas, tenho estado presente. Os comentários da “Mamãe Olga” me despertaram para as minhas necessidades, digo “Mamãe

Olga” porque me sinto aqui com todos os meus filhos queridos, qual se estivesse mais numa festa em família para comemorar as minhas melhoras.

Querida Olga, o caminho de minha recuperação tem sido longo, como não poderia deixar de ser. A desencarnação nos liberta dos obstáculos mentais de que somos portadores, e passei por uma revisão de aceitação, cujos efeitos reconheço. Os nossos amigos Dr. Sálvio e o Conor com assessoria de Benfeitores diversos, qual seja o Joel que substituiu o pai na assistência ao meu reajustamento, significaram para mim verdadeiros ânimos a fim de que me retornasse qual sempre fui.

O nosso Toninho foi mais do que um filho para mim, de vez que velou em meu benefício até que a plena lucidez se me refizesse.

Assim que as melhoras chegaram, reconheci a extensão do meu débito para com você e com os nossos filhos que sempre se lembravam do pai amigo e necessitado de forças para refazer-se.

Querida Olga, continue... Você ficou com possibilidade de estender amparo espiritual em benefício de nós todos.

Saiba que já consigo estar em sua companhia na orientação necessária aos filhos que prosseguem nas atividades que ainda me pertencem pelo coração.

Os assuntos são muitos para serem enfiados numa carta.

Um dia, quem sabe? Voltarei ao lápis do nosso amigo Chico a fim de ampliar as minhas informações.

Todos os nossos amigos e familiares, inclusive seu querido pai João Carvalho, prosseguem trabalhando e fazendo o melhor que se lhes faz possível, em benefício dos que ficaram.

Todos os que amam foram premiados por Jesus com o trabalho em que se esmeram, especialmente pelos entes queridos que deixaram ilusão para quem acredita na morte como bálsamo de inércia e a volta para cá, para a Vida Espiritual, onde tantas bênçãos e lições nos esperam.

Deus abençoará as suas realizações, à frente da família.

Agora que conheço com mais segurança a companheira que Deus me concedeu, beijo-lhe as mãos com mais carinho e mais respeito, como se eu pudesse aumentar esses valores.

José, meu filho, você está amparado por muitos Amigos da Espiritualidade e seu pai e companheiro pede a Jesus para que você continue sempre feliz.

Olga, preciso terminar, mas creia que o ponto final de minhas notícias está muito longe do papel em que procuro configurá-lo.

Lembrança e gratidão a todos os corações que o Senhor nos confiou e receba o coração agradecido do esposo e companheiro, amigo e devedor que lhe pertence, diante de Deus, pelo coração.

Sempre o seu,

OUVÍRIO

PAULO FERNANDO FURLAN

Cursou o colégio São Bento, na cidade de São Paulo. Fez até o segundo ano na Academia Militar (AFA) de Pirassununga e estava prestes a se formar Engenheiro Eletrônico.

Paulinho sonhava com a carreira militar.

Brevetado, conseguiu com os pais a compra de um pequeno avião a complementar sua vida estudantil e preparar-se melhor para os compromissos futuros com a profissão sonhada. Também como rádio amador, pela radiofonia em sua cidade, procurava quando solicitado, objetos e remédios não encontrados em outros estados.

No morro de Paranaguá Bacacheri em Curitiba, forte nevoeiro atingia a cidade. Paulinho regressava de curta viagem de serviço quando buscava arrecadar, com seu trabalho, algum dinheiro face aos compromissos da compra de seu pequeno avião. Procurava pousar no Campo Militar de Curitiba, quando acidentou-se colidindo com o morro, explodindo em seguida ao choque.

Em longa carta, Paulinho relata de forma segura e esclarecedora a sua queda.

Alivia o coração materno, exterioriza a preocupação com os débitos assumidos pelo pai na compra de seu avião demonstrando, com essa informação, os cuidados que devemos ter para não deixarmos rastros de compromissos.

Ampliada a visão da sua responsabilidade pelo débito assumido, Paulinho preocupa-se muito com a nova situação de sua mãe. Roga a Deus a solidificação do lar que dividiu-se na convivência dos pais queridos. Envolve a mãe em seus pensamentos pedindo que não se isole quando da mudança para um novo recanto, devendo aliar-se sempre aos irmãos de trabalho e fé, tornando mais fácil seu intercâmbio espiritual.

Mensagem:

28 de janeiro de 1981

Pais: Paulino Gothardo Furlan e Wilma F. Valério

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 2842

CEP 01402-000 – São Paulo – Sp

Irmã: Eunice Furlan

Bisavós e Avó maternos: Carlos Ferreira Valério

Anna da Rocha Valério (desencarnada)

Maria Regina Fernandes Valério

Bisavós paternos: David Fernandes Tomé e Aurora de Jesus Fernandes (desencarnada)

Lar: LAR DO AMOR CRISTÃO, Entidade Filantrópica.

Rua 2 de Julho, 384 – Sp

Ex noiva: Tania Cristina Sá Dias

PAULO FERNANDO FURLAN

Nascimento:

20 de abril de 1957

Desencarnação:

21 de outubro de 1979

PAULO FERNANDO FURLAN

Querida Mãezinha Wilma, abençoe-me com a sua dedicação de todos os dias.

A noite passou porque o sofrimento, a meu ver, é sempre uma sombra a toldar-nos os pensamentos.

Estou ainda traumatizado pelo impacto da ocorrência que não poderia esperar, mas me reconheço mais calmo a fim de raciocinar com segurança.

Havia lutado tanto pela aquisição da máquina e incentivei tanto a meu pai na compra que, a princípio, experimentei pesados conflitos, em me observando despojado do corpo físico.

Foi um parafuso em forma de batida na terra, que até hoje não saberia explicar.

Demandava eu à cidade, em busca de clientes para o meu campo de trabalho, e toda a instrumentação estava legal. Não sei porque motivos, o aparelho começou a falhar de repente, até que mais se assemelhava a um potro desgovernado que a minha inquietação não conseguia manter no equilíbrio necessário.

A explosão foi um relâmpago que me apagou de improviso. Detalhes não tenho. Sei, no entanto, que abuso ou imperícia não foram a causa do desastre. Previra tudo o que a minha atenção poderia fazer, em benefício de uma viagem segura.

Enfim, querida Mãezinha, quando despertei daquele sono compulsório a que me vi subitamente atrelado, vi-me à frente de familiares queridos que me prepararam gradativamente, a fim de receber a verdade.

Minhas impressões iniciais foram as do acidentado que agradece a hospitalização de que se vê objeto.

Trazia o corpo equimosado, com muitas dores nos olhos, sem recursos para enxergar de modo correto.

Percebia unicamente a presença da luz, mas não identificava contornos de pessoas e coisas.

Mas a Vovó Anna e a Vovó Aurora se incumbiram da tarefa de enfermeiras hábeis e atenciosas, resguardando-me contra choques desnecessários.

Tão somente com o passar dos dias, é que vim a conhecer a realidade.

Eu que me via então em boas condições orgânicas, na recuperação precisa, perdera o carro físico no qual me movimentava na Terra e isso, a princípio, me amargurou o pensamento.

Tudo isso, associado ao seu cansaço e à sua angústia, somados às aflições de nossa querida Tânia, me desolava.

Confesso-lhe que chorei, partilhando com ambas e com todos os nossos, as lágrimas da provação que nos atingira.

Eu que havia de certo modo perdido o contato com as orações, voltei a ser o seu menino de outro tempo e, junto das avós que me assistiam, carinhosas e vigilantes, exercitei a confiança em Jesus, como se me dedicasse a um esporte no mundo.

A prece foi um bálsamo, cicatrizando-me as feridas da alma, com repercussões benéficas sobre o corpo diferente que passei a envergar...

Mãe querida, agradeço a sua abnegação e a sua paciência, Sei quanto se passou, depois de meu caminho interrompido pelo desastre...

De tudo, o que mais me impressionou foi o afastamento temporário de meu Pai, que desejava tanto sustentar ao seu lado!...

Conquanto os acontecimentos que nos surpreenderam, peço-lhe confiança e coragem. Ele se viu, quase sem perceber, desencorajado e abatido, com receio do lar que Deus nos concedeu para sermos felizes.

E com isso, dá uma suposta impressão de haver deixado a nossa casa, entretanto, Mãezinha, aguardemo-lo na volta.

O poder do tempo é indiscutível e temos dele as melhores provas de bondade e compreensão.

Que as bênçãos do nosso amor possam acompanhá-lo onde estiver e seja com quem for. Ele merece o nosso carinho e o nosso amor imenso.

Sei que a sua sensibilidade de Mãe sabe desculpar e esquecer quaisquer espinheiro que lhe atirem na estrada e, assim, venceremos.

A hora, Mãezinha, é de muita paciência e de muita coragem.

Não se sinta sozinha, nem desprezada, porque são muitos os Amigos Espirituais que lhe prestam assistência.

Graças a Deus a nossa Tânia harmonizou-se com o problema e peço a Jesus para que ela seja sempre muito feliz.

Compreendo que não é fácil desprender-se um coração de outro, mormente quando num deles a afeição é tudo o que se tem para acariciar, como sendo a nossa felicidade maior no mundo.

A minha presença se fez freqüente de tal modo junto dela, no intuito de consolá-la, que a nossa querida Tânia me supunha no corpo físico e que a notícia do acidente não passava de lastimável engano...

Agora, graças a Deus e graças aos seus diálogos com ela, vejo-a refeita e fortalecida, a fim de seguir estrada afora...

Querida Mãezinha, com as atitudes de meu Pai, a nossa Eunice deixou-se contaminar pelo desespero e, no processo de angústia em que a vemos, busquemos socorrê-la no silêncio.

Entendo o que significa essa prova para o seu carinho...

Um filho morto e vivo em suas lembranças e corações queridos aparentemente mortos, mas vivos, a lhe proporem sofrimento e mais sofrimento... Entretanto, o seu querido coração que perdoa sempre as nossas faltas, encontrará energias novas para perdoar-nos a todos pela carência de afeto em que a vejo relegada temporariamente.

Creia, querida Mamãe, que nada perderemos por esperar, e agradeceremos o dia em que a paz voltará aos corações despreparados para a ausência. Graças a Jesus temo-la num grupo de amigos abençoados que lhe iluminam o tempo com o serviço ao próximo, e isso é uma bênção de Deus para que as nossas forças se refaçam.

Continue com as crianças de seu habitual convívio de agora e esperemos o tempo. Sempre que possível, para não se sentir sozinha, procure meu avô e a vovó Regina para as nossas conversações amenas e edificantes.

Em se mudando para o recanto novo, não se isole dos irmãos de trabalho e fé, porque com semelhante companhia é sempre mais fácil o nosso intercâmbio.

Querida Mãezinha, quando me recordar, especialmente à noite, não mentalize a minha figura como se me tivesse perdido para a morte, que efetivamente não existe.

Recorde-me tranqüilo e robusto, buscando melhorar-me, a fim de progredir na vida.

Isso é muito importante para a nossa paz.

O meu avô David pede-lhe calma e confiança, e fique na certeza de que a nossa vida sem as atrações da Terra está continuando...

Tudo está seguindo para uma composição melhor de todos os nossos assuntos.

Formulo votos a Jesus para que a nossa Tânia se veja plenamente feliz, sem qualquer nuvem nas recordações de nossos projetos, que afinal estavam, como nós, submetidos a Deus. O tempo, com a proteção do Céu, tudo reajusta para melhor, e devemos estar confiantes.

Quando estiver com o Paizinho, diga-lhe que não o esqueço e peço aos Orientadores de Cima auxiliarem a ele nos pagamentos do débito que criei.

Com a perda do avião, perdi igualmente os meus recursos, mas chegará o momento em que me será possível resgatar a dívida que ficou sendo minha e não dele.

Mamãe querida, estou quanto possível trabalhando ao seu lado, em auxílio das crianças do Lar que nos acolheu. Não podia ser de outra forma, porque a morte inesperada me devolveu à condição do menino de seu colo, necessitado de amor. Roguemos a bênção de Deus para quantos corações nos partilhem a jornada...

À nossa querida Taninha, os meus votos de tranqüilidade e alegria. Os acontecimentos da vida ou da morte não separam os que se amam realmente, e continuo sendo agora, diante dela, o irmão e o companheiro que lhe deseja todo o bem na realização de votos benditos que Deus protegerá na pessoa dela e do companheiro a quem se consagre com a sinceridade que lhe conhecemos. A conformação dela foi para mim uma bênção.

À Vovó Regina, à nossa Eunice e a todos os nossos, sem excetuar o Papai que sempre nos deu tanto carinho, as minhas lembranças do coração.

Mãezinha, não estranhe as minhas palavras. Corte as impressões negativas do momento que lhe afligem o coração, em vista do desespero dele com a minha ausência involuntária, e arquivemos na memória somente aquela nossa união do princípio que sofreu agora alguma distorção, e que voltará a ser harmonia e beleza espiritual, no futuro.

Estou contente e reconfortado com a possibilidade de escrever ao seu carinho minhas presentes notícias. Estaremos juntos, seja em suas tarefas abençoadas de agora ou seja no recanto de preces e bênçãos que se lhe fará a nova moradia. Perdoe-me, se me dilatei nesta carta do coração, A saudade me obrigou a agir assim com espontaneidade e descontração.

Mãezinha querida, eu que recebi todos os valores de que disponho da sua dedicação e o seu carinho, em verdade nada tenho de mim, ainda, para lhe retribuir tanto amor.

Entretanto, com as minhas melhores esperanças, guarde na alma sempre querida todo o coração reconhecido do seu filho, sempre o seu

PAULINHO

AUGUSTO CEZAR NETTO

Augusto Cezar Netto retorna uma vez mais às páginas de consolação, acompanhado dos agradecimentos do Dr. Bezerra de Menezes, em reconhecimento ao trabalho que projeta a participação de sua mãe Yolanda Cezar e dos abençoados tarefeiros do Lar Oficina Augusto Cezar no amparo aos que carecem da mão e do coração amigos.

Não se posiciona aqui a presença pelo talento, mas, o empenho na caridade em distribuir o que o amor coleta para a segurança de quem se vê privado do alimento material e espiritual.

Augusto Cezar suplantou-se quando abraçou com discernimento e consciência a responsabilidade em participar no engrandecimento e no reajuste dos que recorrem à presença dos afortunados da paz.

Ganha-se o céu quando este céu está no nosso interior, encontra-se em seu caminho as benesses da fraternidade e da solidariedade.

Realizam-se obrigações e deveres, acampa-se no terreno do bem e ilustra-se no Evangelho de Jesus, na prática do dia-a-dia, a vontade de servir com o Mestre.

Mensagens:

16 de dezembro de 1993

18 de dezembro de 1993

Pais: Yolanda Cezar e Raul Cezar (desencarnados)

Rua Marcos Lopes, 204

CEP 04513-080 – São Paulo – Sp

Flavinha Silva de Jesus – neta de Yolanda Cezar

Wanda Biasaventi – sobrinha de Yolanda Cezar

AUGUSTO CEZAR NETTO

Nascimento:

27 de setembro de 1942

Desencarnação:

27 de fevereiro de 1968

AUGUSTO CEZAR NETTO

Querida Mãezinha Yolanda, Jesus nos abençoe. Com essa petição das bênçãos de Jesus em nosso benefício, referindo-me a todos presentes, peço-lhe receber aquele beijo estalado de carinho e confiança do seu filho, que vem ao seu encontro e ao encontro dos nossos, descerrar a luz que nos reúne a todos, em homenagem a Jesus.

O beijo estalado, para nós ambos, significa que regressamos à tranquilidade, depois do aguaceiro de suor e pranto suscitado pelos problemas da enfermidade do papai Raul que nos movimentou as energias no grande período de provação que, felizmente, já passou.

Retornamos, igualmente, à nossa festa de orações e corações que o Aniversário do nosso Divino Amigo estabelece.

Em verdade, quiséramos ofertar ao Senhor algo que significasse o nosso reconhecimento pelas bênçãos que nos concede.

Em vista de nossa escassez de recursos na Terra, a fim de testemunhar-Lhe a nossa gratidão, os Mensageiros dEle nos permitiram criar estas horas de esperança e união fraternal em que nos sentimos verdadeiramente irmãos uns dos outros. Por isso, a beneficência não é somente a nossa festa de alegria, mas representa, igualmente, o nosso agradecimento, em que Lhe sentimos a Divina Presença, junto aos nossos irmãos necessitados e sofredores.

Natal é o dia padrão que nos lembra a possibilidade de viver em paz na Terra, cultivando o amor que Ele, Jesus, nos legou. Natal é o mostruário do que poderíamos fazer, todos os dias, na convivência uns com os outros, extinguindo o antagonismo e os conflitos que ainda existem entre as criaturas.

Agradecemos a possibilidade de conhecer e viver esta verdade, na essência da fraternidade que ensinamos ou apregoamos, todos os dias.

Estou feliz, reconhecendo a união que vivenciamos agora, mostrando ao mundo que Jesus continua entre nós.

Em meio do meu contentamento, abro aqui algo semelhante ao parêntese para trazer-lhe as notícias de meu Pai que vai se restabelecendo com segurança. Ele agora já recobrou a consciência da sua própria situação pessoal e espero que, nesta semana, ele se identifique mais profundamente com o seu amado coração e com todos os que, ao seu lado, celebram no natalício de Jesus a nossa felicidade em poder usufruir o privilégio de servi-Lo nas pessoas daqueles que se acham flagelados ou crucificados no madeiro da necessidade e do sofrimento. Agradeço, querida Mãezinha, a sua dedicação ao bem do próximo e osculo, com o meu agradecimento, todos os companheiros e todas as irmãs que lhe assessoram o trabalho e que se irmanam sob este abençoado teto de paz e amor.

Caminhemos, pois em abençoada união, mais uma vez, para a festa do Natal que consiste em doar o melhor de nós mesmos em favor dos irmãos desalentados e esquecidos, atormentados em provações amargas ou distanciados da fé viva e do reconforto, que nos aguardam, em nome do Senhor, para um dia que deve ser modelo de todos os outros dias na experiência comum.

A Flavinha, que passou a ser nossa companheira habitual, é a representante, com a nossa Wanda, de minhas irmãs que se acham aqui conosco em pensamento.

E agradecemos a Deus mais este Natal de alegrias e bênçãos, que nos honra a vontade de servir, conforme os ensinamentos herdados de nosso Divino Mestre.

E, de minha parte, Mãezinha Yolanda, termino esta carta de filho agradecido, que está sempre ao seu lado na travessia dos caminhos que o Céu nos permite percorrer. Com as esperanças e saudades que retenho no coração, mais uma vez lhe beija enternecidamente a alma querida, o filho e seu companheiro de sempre.

AUGUSTO

AUGUSTO CEZAR NETTO

Querida Mãezinha Yolanda, Jesus nos abençoe.

Estamos felizes com a realização que o seu carinho promoveu em benefício dos nossos irmãos em provações maiores do que as nossas.

Compreendo o meu dever de expressar o reconhecimento que nos vai nos corações agradecidos. O milagre do trabalho, porque existe sim o milagre da ação resultante das mãos unidas, para fazer o melhor em favor dos outros, porquanto, na Terra é difícil congregar esforços para um fim humanitário, desinteressadamente.

Agradeço quanto foi feito no amparo à nossa grande família humana, no círculo de nossas afeições. Tantas criaturas reunidas sem atritos e sem queixas, representam um abençoado cometimento em nossas esperanças de colaborar na construção de um Mundo Melhor.

Sou muito grato, querida Mãezinha, por todas as demonstrações de entendimento e renúncia, dentro do nosso Grupo, que resultou na grande comemoração do Aniversário de nosso Eterno Amigo.

Confesso-lhe que, em muitos lances do serviço que efetuaram, recordei meu Pai doente e novamente agradei, em pensamento, as mãos que o ampararam. É preciso ver um ente amado caído em problemas orgânicos e perturbações outras, para sabermos quanto valem a solidariedade e o auxílio espontâneo.

Por isso mesmo, na presente homenagem a Nosso Senhor e Divino Mestre, mais sensibilizado me vi ante o desdobramento das atividades de nossa equipe dedicada ao Bem, sem qualquer idéia de remuneração. Renovei-me, porquanto, me reconheci também necessitado de apoio e de bondade dos amigos que nos honraram com o verdadeiro concurso fraterno. Sigo numa estrada nova, a estrada de quem doa o melhor de si mesmo, sem pensar em receber nem mesmo os estímulos das opiniões elogiosas de qualquer natureza.

Louvado seja Deus que concedeu a este seu filho do coração, um novo modo de pensar. Julguei que estava numa condição adiantada de aluno de beneficência, ao entregar-me com o seu carinho aos atos de compreensão e caridade, mas observo que necessito trabalhar muito mais para que me possa ver em melhores condições nas leis evolutivas.

Mãezinha querida, receba estas minhas considerações como sendo as confidências de seu filho denodado a fazer-se melhor do que supunha ser.

E Deus recompense a todos os nossos irmãos e irmãs do nosso Lar Oficina, de vez que formaram para mim os companheiros que me induzem à renovação e à melhoria a que aspiro encontrar. Abençoada noite consagrada ao Natal que me ensinou quanto valem a harmonia benemérita, a humildade e o perdão.

Antes de nossa reunião na noite passada, em que vi tantos sofredores reunidos, pensava que era melhor do que sou agora e hoje reconheço que é preciso servir e entender mais, a fim de merecer a generosidade de tantos amigos e tantas irmãs que nos incentivam no trabalho de cada dia.

O que digo é uma confissão de alma para alma, porquanto, tenho recebido o diploma da confiança de tanta gente que me honra com chamados de auxílio e consolação e devo ser o companheiro de todos esses espíritos dedicados que me hipotecam confiança e carinho.

Aí está, querida Mãezinha Yolanda, a minha grande novidade: servir mais para ser realmente o mensageiro de paz e reconforto, onde tantos me solicitam cooperação. Aqui fica o meu reconhecimento a todos os nossos companheiros que de despertam para a responsabilidade de ser, em verdade, o colaborador que eles julgam que eu seja.

Muito grato, querida Mamãe, por tudo, por todas as suas bênçãos de trabalho e de amor para que me eleve à condição em que realmente devo estar.

Com agradecimento a todos os nossos irmãos de compromisso nas tarefas espirituais, beijalhe o coração e as mãos quem se honra de sua companhia e em ser seu filho e servidor de Jesus, sempre seu,

AUGUSTO

BEZERRA DE MENEZES

Adolfo Bezerra de Menezes, nascido em 29 de agosto de 1831, em Riacho Grande, Ceará, filho de Antonio Bezerra de Menezes e de Fabiana de Jesus Maria Bezerra.

Em 1851 matriculou-se na Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro, doutorando-se em 1856. Ingressa em 1857 na Academia Imperial de Medicina assumindo como redator de 1859 a 1861.

Em 1858 casa-se com a Sra. Maria Cândida de Lacerda, que veio a desencarnar em 1863, deixando-lhe dois filhos. Ingressa nesse mesmo ano no Exército como cirurgião-tenente.

Em 1860 foi eleito vereador à Câmara Municipal do Rio de Janeiro e reeleito em 1864. Contraí nupcias pela segunda vez em 1865 com a Sra. Cândida Augusta de Lacerda Machado. Eleito deputado federal em 1867, retorna à Câmara Municipal de 1873 a 1881, por mais duas legislaturas. De 1878 a 1881 foi presidente da Câmara Municipal do Rio de Janeiro. De 1882 a 1885 foi reeleito deputado federal.

Em 16 de agosto de 1886, aderiu publicamente ao Espiritismo.

De 1887 a 1894 sob o pseudônimo de Max, participou com publicações no periódico O PAIZ, dirigido por Quintino Bocaiuva.

Foi presidente da Federação Espírita Brasileira em 1889 e de 1895 a 1900.

Em 11 de abril de 1900 desencarna Dr. Bezerra de Menezes. *Dados extraídos do livro "Bezerra, Chico e Você. Edição GEEM"*

BEZERRA DE MENEZES 18.12.1993

Irmã Yolanda, o Senhor nos ilumine sempre.

Assumi a obrigação de vir ao seu encontro e ao encontro dos seus cooperadores e irmãs abnegadas, no Lar Oficina de sua criação, sob a proteção de Jesus.

Venho agradecer-lhe o Festival de Amor ao próximo que realizaste na paz do Senhor Jesus. Foi Ele mesmo que disse:

“Vinde a mim todos vós que sofreis e vos aliviarei.”

Entendemos que o Divino Mestre não prometeu solução total dos problemas de quem sofre, porquanto, afirmou:

“Eu vos aliviarei.”

Temos de reconhecer o Divino Servidor, como sendo o precursor da anestesia. Em verdade, não podia Ele derrubar as Leis do Criador, diante do sofrimento humano. Asseverou que aliviaria as provações de quantos se lhe apresentassem, rogando amparo e bênção.

E nos fizestes recordar na noite última que a dor dos que a experimentam não podia ser erradicada de imediato, mas que a Misericórdia Divina suaviza. Por essa mesma razão é nosso dever minimizar as provas e amargores de quantos se abeiram de nós, exibindo as chagas e aflições dos sofrimentos.

E honorificando o Sublime Aniversariante destes dias, puderam os amigos queridos aliviar o infortúnio de quantos se acham ainda agrilhoados às provações que eles próprios, de certo modo, foram autores nas estâncias do passado, que se foi, mas sem apagar as marcas das nossas próprias ilusões e desequilíbrios.

Desejo dizer que nos cabe respeitar a dor e a necessidade onde apareçam, mas fazendo quanto se nos faça possível para cumprir os estatutos na misericórdia das leis de amor, das quais foi Jesus o mensageiro.

Reunistes os caros irmãos, incluindo-me igualmente entre os necessitados, todos aqueles que injustamente se consideram desprezados por Deus, quando nos reconhecemos todos na posição de devedores perante a Justiça Divina.

Tantos são os companheiros que se reajustam no Mundo Físico que, de certo modo, parecem-nos um grande mostruário de aflições e lágrimas!

E vimos e abraçamos:

os filhos da penúria material;

os infelizes que se acham revoltados e, às vezes, cruéis na incompreensão das leis que nos regem;

os aleijados do raciocínio que trazem o cérebro doente, face às declarações e ações lamentáveis a que se entregaram em época remota ou recente;

os enfermos do corpo que choram, no silêncio, a inconformação que lhes vai no espírito, sem se deterem a pensar nos excessos que abraçaram em outras situações;

os desesperados com a perda de filhos queridos, resgatando o martírio que impuseram nas malhas da delinquência;

os que se sentem encurralados nos problemas de solução difícil, sem imaginar que foram responsáveis pela queda de muitos irmãos com as maquinações lastimáveis em que envolveram pessoas dignas, lançando-as a descrédito injusto;

os que abusaram das próprias faculdades no veículo físico e agora carregam consigo os prejuízos de semelhantes atitudes;

todos os que jazem emaranhados na carência dos mínimos recursos para viver confortáveis e felizes, por culpa da prodigalidade indébita em que consumiram a tranqüilidade dos próprios pais... Todos eles, quanto ocorre a mim mesmo, se sentiram aliviados pelo trabalho que efetuaram, dia por dia, na escola do lar em que sediaram o bendito Lar Oficina.

Todos devedores, quanto eu mesmo, no entanto, todos necessitados de amor e consolo para se fortalecerem e se curarem.

Indubitavelmente, que as queridas irmãs e os prezados companheiros algo poderiam fazer, de modo a diminuir as provas que abraçaram para si mesmos.

E agradecemos à irmã Yolanda, ao seu coração amigo e ao coração de quantos se lhe uniram ao esforço para ajudar e, com o seu tirocínio, tivemos o festival do amor ao próximo que ontem se nos fez mais um passo para com o nosso Divino Mestre.

O serviço que desenvolveram atingiu às próprias crianças nascituras, ainda resguardadas nos ventres maternos. Aqui estou, pequenino trabalhador da Seara do Bem, para dizer-lhes: Muito obrigado!

Muito obrigado, irmã Yolanda, pelas suas horas de reflexão e sacrifício, para que a nossa festa fosse o melhor de nós mesmos. Irmã Yolanda, compreendemos a sua luta e pessoalmente nos sentimos satisfeitos em repetir no silêncio de seu coração:

Querida irmã, Deus a recompense. Também eu estou entre os beneficiados da promoção de paz e amor que realizaram e repetimos, juntamente de nosso querido Augusto, as nossas palavras de gratidão:

Muito obrigado! Deus a recompense sempre e que todos nós, uns com os outros, possamos exclamar, de alma aberta à luz do Eterno Bem:

- Louvado seja Deus!

BEZERRA DE MENEZES

MARCELO MOISÉS CASALI

Jovial, alegre, cursava o 3º ano colegial no Colégio Magnum, Chácara Flora, em São Paulo. Marcelo angariava a simpatia e o amor dos familiares pela simplicidade e respeito a eles dedicado.

Este jovem agradece, encoraja e incentiva a família a criar esperanças, solidificar a fé em Deus, carregar no orbe terreno o sentido obrigatório do amor, pois sem ele caminhamos em solo movediço podendo, a qualquer momento, sofrer as rupturas na cobrança do resgate.

“Tenho estudado aqui as surpresas do mundo e só possuímos a garantia da fé em Deus.”

Pensamento que sintoniza com a verdade e irradia beleza da informação. A fé é a garantia que avaliza a presença condicional no quadro espiritual.

A vida compõe-se de mil e uma situações que inerem no ser a conquista pelos seus feitos. A busca constante pelo progresso espiritual beneficia aos que conseguem atingir, na maturidade, o senso da contribuição na escalada imposta pelo bem.

Marcelo compreendeu essa luta e pede à família querida, que colabore com ele confortando-se na fé em Deus, a fé que levou-o às suas meditações.

Provado está que ninguém perece em vida latente, atributo de Deus a formar a família Universal, completando os mundos seletos da Criação Superior, infinita bondade.

Mensagem:

12 de novembro de 1993

Pais:

Luiz Arnaldo Casali e Maria Cecília Moisés Casali

Rua Nova York, 934 – Brooklin

04560-002 – São Paulo – Sp

Irmãs:

Priscila Helena Moisés Casali

Mariana Moisés Casali

Bisavós:

Adelina de Jesus Cruz – materna (desencarnada)

Antonietta Rosatti – paterna (desencarnada)

Amigo do Marcelo:

Caio Telles

Vanina: namorada de Caio

MARCELO MOISÉS CASALI

Nascimento:

30 de janeiro de 1976

Desencarnação:

21 de abril de 1993

MARCELO MOISÉS CASALI

Querido Papai Luiz e Mãezinha Cecília, Jesus nos abençoe.

Estou com dificuldade para escrever, porque a verdade é que não me preparei para esta ocorrência. Compreendo que tudo exige preparo, adaptação, espera...

Creio que também eu, conquanto permaneça muito bem amparado, estava ansioso-confesso-para endereçar-lhes algumas notícias.

A saudade dos Pais Queridos e de nossa dupla querida Priscila e Mariana é ainda muito grande.

Não podia manter qualquer expectativa, pois a morte do corpo físico não estava em minhas cogitações.

Tudo foi rápido, instantâneo...

Aliás, estava consciente de que a ausência dos Pais Queridos me criava uma grande responsabilidade.

A responsabilidade sobre a vida e a tranquilidade de nossa querida Mariana.

Vínhamos em marcha ativa, na Marginal, conversando sobre os fatos comuns da vida, quando o veículo deu uma forte guinada para fora da pista e ouvi apenas os gritos do Caio e da Vanina que estavam conosco, e esbarrei de cabeça inteira num poste ou numa pedra, não sei bem.

Senti que o acidente me marcara para morrer e com aflição desejei inutilmente falar aos companheiros de passeio, no intuito de evitar-lhes um choque tão violento como aquele que experimentara, mas qualquer manifestação de minha parte se me fazia impossível.

Numa faísca de tempo, lembrei-me dos Pais Queridos e das irmãs que confiavam tanto em mim, no entanto, era uma lembrança de último instante, porque o meu raciocínio se apagou, como se meu crânio fosse uma lâmpada repentinamente queimada.

Nada pude senão resignar-me e já que estava prestes a cerrar os meus olhos no desconhecido, ainda fiz um esforço gigantesco para me recordar de Deus, entretanto, incapaz de articular mentalmente qualquer oração.

Sentia-me ainda sensível ao tato e notei que duas mãos me tocavam os cabelos. Quisera que a minha audição estivesse perfeita, mas mesmo descontrolada como a percebia, ouvi as palavras: “Meu filho, nós estamos com você.”

Quem seria? De momento, não pude aperceber o sentido da voz suave que pronunciou aquelas palavras.

Notei que me transportaram do lugar do acidente para outro lugar, que eu não conseguia identificar, mas prossegui inerte, sem a mínima capacidade de reação.

As mãos de que tivera íntimas notícias através do tato, voltaram a me acariciar a cabeça dolorida e, em seguida, fui abençoado com um sono profundo do qual despertei numa outra paisagem, que com algumas horas percebi se tratar de uma Casa de Saúde.

Creio que foram dois os dias em que continuei apático e quase imóvel, entretanto, no terceiro dia, pela primeira vez naquela situação, vi com meus próprios olhos que uma senhora de face paciente e calma, que percebeu o meu despertar, falou com serenidade e carinho, que me achava ali sob os cuidados de minha bisa Adelina e digo bisa porque foi ela própria que assim se identificou.

Então, por ela que usava muita prudência em me comunicar o acidente de que fora vítima, percebi que ela pedia, com humildade, conformação ante os Desígnios da Lei de Deus.

Perguntei pelos Pais Queridos que se achavam ausentes e ela me informou que o Papai Luiz e a Mãezinha já se achavam de volta e me haviam dispensado as melhores atenções nas tarefas de minha transferência para aquela organização hospitalar.

Somente pouco a pouco explicou-me que eu sofrera certa mudança, que não devia pensar em morte e sim em vida nova.

Os dias transcorreram com a minha ansiedade para voltar ao convívio da família, e decorrido algum tempo consegui ir em casa para chorar as minhas saudades, embora com uma forte vontade de pedir à Mãezinha Cecília não se afligisse tanto.

Nesta luta pessoal estive até agora e aproveito o ensejo para rogar aos meus pais e irmãs, especialmente à minha querida Mãezinha, para que me auxiliem, confortando-se na fé em Deus.

Peço à Mãezinha Cecília não suponha que o acontecimento não se verificaria se ela e meu pai estivessem conosco, em nossa casa, e não em viagem. Não, querida Mãe, a nossa união no lar não impediria o desastre.

Tenho estudado muito aqui as surpresas do mundo e só possuímos a garantia da fé em Deus. Hoje sei que meus companheiros de excursão na estrada de Pinheiros estão fortes e livres de qualquer lesão, que eu não perdoaria a mim mesmo.

Rogo a meu pai Luiz coragem e resignação, pois a Lei de Deus não me permitiu mais tempo para as realizações que projetávamos. Ele, porém, graças a Deus está forte e bem disposto e com o apoio da Mãezinha Cecília chegará a fazer tudo quanto sonhávamos.

Peço abraçarem por mim a Priscila e a Mariana e agradeçam às duas as preces e lembranças com que me beneficiam.

Sou um convalescente sadio, se posso assim dizer.

Eu vou melhorando sempre mais com o desejo constante de fortalecer-me para colaborar com meu pai em nossas tarefas.

Vieram comigo duas bisavós muito queridas: Adelina e Antonieta. Perdoem-me se escrevi tanto, mas a saudade quando escrevemos para familiares queridos não se contenta com um simples bilhete.

Peço à Mãezinha se fortifique com a sua paz e fortaleza de sempre.

E recebam os pais queridos, todo o amor do filho que lhes pertence, em nome de Deus, pelo coração.

Sempre carinhosamente,

MARCELO

CARLOS ALBERTO SANTOS DIAS

Este moço, em curta viagem, parando para jantar em restaurante à beira da estrada, não podia imaginar que logo mais adiante seu resgate o esperava para o acerto dos compromissos assumidos, levando-o de volta ao Plano Espiritual.

Interessante notar nas observações de Carlos Alberto, em sua carta, buscando contato com sua mãe, chamando-a carinhosamente pelo apelido familiar “Adade”.

Suas cartas foram enviadas em prosa e versos caracterizando uma apresentação “sui generis”. Revela este moço preocupação com os irmãos que assumem passos na vida, consolidando as responsabilidades assumidas.

Valoriza de forma contundente que **“Os conselhos dos pais são a matéria mais importante da vida comunitária e é pena que fiquem encerrados a quatro paredes do Lar.”**

Tenta mostrar sua veracidade da presença e a importância dos pais, responsabilizados no lar, em amparar com amor e discernimento aos que a Misericórdia de Deus os contempla com a estada terrena, a qual não sabemos aproveitar para reforço de experiência na vida em ascensão, relegada na visão displicente a aceita com pouco realismo.

Mensagens:

10 de janeiro de 1984

18 de junho de 1984

20 de fevereiro de 1985

Pais:

Antero dos Santos Dias

Adelaide dos Santos Dias

Rua Cabembé, 53 – Taubaté

CEP 03332-020 – São Paulo – Sp

Irmãos:

Arnaldo dos Santos Dias

Antero dos Santos Dias Junior (desencarnado) em acidente automobilístico em 1993

Cunhada:

Tânia Annunciato dos Santos Dias, esposa do seu irmão Arnaldo.

Amigos da família:

Orlando e Álvaro (cunhado de Orlando)

CARLOS ALBERTO DOS SANTOS DIAS

Nascimento:

1 de abril de 1958

Desencarnação:

19 de junho de 1981

CARLOS ALBERTO DOS SANTOS DIAS

Querido Papai Antero, abençoe-me.

Estamos sentindo a falta da Mãezinha Adade em nossa reunião e assinamos, de longe, o sentimento de pesar com que ela nos recorda.

É que a Mamãe queria ter vindo, no entanto, os problemas fizeram fila, impedindo-lhe a saída.

Papai, hoje não faço versos.

Estou com as suas inquietações.

O seu coração de obreiro do bem, tanto quanto a Mamãe, sentem falta de um grupo em que estejam integrados, à maneira de certas peças na engrenagem da máquina.

E pergunto: por que não organizarem, ambos, um grupo em casa mesmo sob a inspiração do Evangelho?

Um grupo em que a sua bondade e a bondade da Mamãe se entrossem com os corações que vierem ao nosso encontro.

Mamãe sente a felicidade de auxiliar os outros e difundir plenamente o bem.

Não se sente alegre nem animada para o serviço fora da equipe.

Meditemos na possibilidade da formação de um grupo em casa e sigamos para a frente.

Quanto ao Dilé, é natural que o irmão se veja um tanto a sós, embora com os pais sempre queridos, sem a presença do Arnaldo que se casou e mudou logo, logo.

Dilé está fazendo experiências e examinando o campo em que se fará um homem casado, igualmente, um dia.

Deixemo-lo entregue a ele próprio.

Os conselhos dos pais são a matéria mais importante da vida comunitária e é pena que fiquem encerrados a quatro paredes do lar.

Por isso, é justo que o Papai e a Mãezinha Adade o preparem para o futuro através de bons diálogos, sem aspereza e sem azedume, e quanto ao mais vejamos o que deseja o querido irmão para organizar o comboio doméstico em que viajará pela vida.

E pensemos com as criaturas que confiam no Amparo Divino.

Adotemos os Desígnios de Deus e o que será, será.

Será porque tenha de ser ou porque as nossas escolhas são as que se fizeram, e não outras.

Tudo vai bem.

Saudamos ao amigo Orlando e comunicamos a ele que o irmão Álvaro tornará as notícias do coração, tão logo isso lhe faça possível.

E agora, Papai Antero, boa noite que o tempo está correndo...

Muito grato à sua confiança e com muito carinho à Mamãe Adade, receba o abraço do seu filho e companheiro de sempre,

BETO

CARLOS ALBERTO DOS SANTOS DIAS

Querido Papai Antero

Continuemos servindo.

O caminho é sempre lindo,

No campo do nosso afeto.

Saudades, tenho-as comigo,

De sua imensa bondade,

Do amor de Mamãe Adade,

Que se fez a nossa luz.

Por isso, Papai, receba

O meu abraço completo.

E da força de meu carinho,

Em nosso novo caminho,

Conserve em seu coração,

O coração de seu Beto.

CARLOS ALBERTO

CARLOS ALBERTO DOS SANTOS DIAS

Escute como sempre,

Querido Papai Antero,

A saúde e paz

É tudo quanto mais quero.

Sei de sua inquietação,
Com a nossa Mãezinha Adade,
Ficou doente e reclama,
Por motivo da saudade.
Perdeu-me num acidente,
De certo modo perdeu,
O irmão Arná que afinal,
Casou-se e foi como eu.
Ficou-lhe o filho Dilé,
Entretanto, a Mãezinha
Já sabe que o filho
Não tem a crença que tinha.
Mamãe não pode entender
Nos pensamentos tão seus,
Que os filhos não são dos pais
E, sim, pertencem a Deus.
Não me alterei à vontade,
Veio a morte de roldão,
E retirou-me de casa
Sem nos dar satisfação.
Arná casou-se de certo,
Atendendo à natureza,
E a Tânia, senhora dele,
Parece uma luz acesa.
Ambos se encontram na espera
Alegre de uma criança,
Que lhes reúne na vida,
Todo um mundo de esperança.
Que o senhor não me pergunte
O sexo de quem virá,
Seja quem for que Deus nos mande
Uma bênção será.
Se é homem ou se é mulher
Não digo ao casal feliz
Porque não tenho nos olhos
A força do raio “X”.
Quanto ao Dilé, como é claro
Na ansiedade verdadeira,
Está correndo no mundo
Procurando companhia.
Vejo a Mãezinha querida
Costurando e costurando
E ao vê-la sofrer indago:
- Meu Deus, isto será até quando?
Sei que ela serve espontânea
Aos pobres necessitados,
Mas os pobres chegarão
Buscando-a por todo lado.
Mas fico preocupado
Ao vê-la triste e sozinha,

Precisamos dar um jeito
Em nossa boa Mãezinha.
Sair de casa é preciso,
Distrair-se é obrigação.
Você, Papai, dê um jeito
Em nossa situação.
Trabalhar, sim, é preciso,
Mas para isso ninguém
Deve ficar atolado
No imenso poço do Bem.
Além disso outras senhoras
Costuram de boa mente.
A fixação em Mãezinha
Faz dela uma pessoa doente.
Converse com a mãe Adade
Fale com ela e não tema.
Os dois a qualquer instante
Podem curtir um cinema.
Façam passeios ligeiros,
E, embora os preços de brasa,
Os dois juntos, quais dois noivos,
Amanheçam fora de casa.
Ante a boa consciência
Na obrigação que não cai,
Os dois precisam sair
E deixar do vai não vai.
Papai Antero, desculpe
Minha pobre opinião,
Mas tudo quanto lhe digo
É dito de coração.
Desejo-lhe com Mamãe
As mais nobres alegrias,
É o que deseja seu filho

CARLOS ALBERTO

CARLOS EDUARDO FRANKENFEKD DE MENDONÇA

“Julgo necessário, porém, explicar que muitos enfermos colocados sob a nossa assistência, não possuem qualquer conhecimento acerca da morte do corpo, o que lhes dificulta a passagem por nosso pouso de trabalho, já que precisamos deixá-los devidamente esclarecidos.”

Chama-nos a atenção o caro jovem Carlos, do comprometimento aos que, de alguma forma, estão ilustrados na Doutrina Espírita em esclarecer aos menos avisados dos ensinamentos de Jesus, que a passagem para a Vida Espiritual precisa estar o quanto possível ao conhecimento humano.

Mais preparados e confiantes, não seremos surpreendidos quando nos reconhecermos mais amparados pelos ensinamentos doutrinários cristãos.

Traz-nos este rapaz informações valiosas sobre tratamentos homeopáticos, simbolizados na fé e na alegria de servir. Confirmam em suas cartas os esclarecimentos e os valores aqui inseridos.

Mensagens:

1 de setembro de 1988

13 de abril de 1989

30 de novembro de 1989

Pais:

Aurílio Moraes de Mendonça

Edda Frankenfeld de Mendonça

Rua Alexandre de Gusmão, 28 – Tijuca

CEP: 20520-120 – Rio de Janeiro – Rj

Irmãs:

Scheilla Frankenfeld de Mendonça

Lívia Frankenfeld de Mendonça

Liliane Frankenfeld de Mendonça

Vovó Júlia:

Bisavó materna: Maria Lauff, nascida na Tchecoslováquia e desencarnou no Brasil em 1970

Tetravô: João Antônio Frankenfeld, nascido e desencarnado na Alemanha.

Tio Norman: Norman Frankenfeld, materno (desencarnado)

Regeneração: Grupo Espírita Regeneração, fundado pelo Dr. Bezerra de Menezes em 1891.

Benfeitores Espirituais:

Dr. Napoleão Laureano

Dr. Dias da Cruz

CARLOS EDUARDO FRANKENFELD DE MENDONÇA

Nascimento:

18 de setembro de 1985 (?)

Desencarnação:

22 de novembro de 1980

CARLOS EDUARDO FRANKENFELD DE MENDONÇA

Querida Mamãe Edda e querido Papai Aurílio.

Jesus nos proteja e abençoe.

A saudade me induziu a escrever-lhes, desejando-lhes o que a vida nos possa oferecer de bom e belo.

Sigo os eventos familiares com o carinho de sempre e, em companhia da Mãezinha Edda, prossigo em minha jornada, que posso classificar por jornada homeopática, estudando a ação e reação de elementos determinados.

Ninguém obtém conhecimentos por osmose e sou, naturalmente, chamado a estudar com a diligência habitual, junto dos Mentores do assunto, a fim de me fazer útil.

Espero que a Mamãe Edda continue dedicada às realizações que nos enfeixam o ideal e confio em que o Papai Aurílio prossiga para diante em suas nobres tarefas.

Nossa Scheilla está caminhando com segurança e tenho visto a nossa Lívia e a nossa Liliane fazendo o melhor que se lhes faz possível com vistas ao presente e ao futuro.

Mãezinha Edda, os seus compromissos com a Maternidade das Mães pobres continuam aguardando a sua inteligência ativa e folgo em vê-los todos em casa orientados para o bem.

Desejo comunicar à Mãezinha Edda que venho efetuando estudos especiais sobre o psiquismo das crianças, que assistiram a agressões de violência em pessoas queridas, inclusive o homicídio, e estimorei que a Mamãe estude esses casos separadamente para a medicação especial que requisitam.

As crianças que acompanharam de perto crimes e delitos outros, se tomam de um estado depressivo ou excitante, que é necessário socorrer e normalizar.

Não deveriam, em minha opinião, receber tratamento nos padrões habituais, de vez que necessitam de medidas de ingerência mais profunda, na esfera da sensibilidade, a fim de se acomodarem com a vida comum, e isso é problema que nos interessará a todos, no futuro.

Observo que os valores homeopáticos variam com o estado mental dos doentes e todas essas particularidades exigem especial atenção.

Para mim tem sido uma grande alegria analisar os casos diferentes que nos são apresentados e peço a Jesus me conceda a felicidade de continuar estudando e agindo, para aprender a servir com mais segurança.

De nosso pessoal, a querida avó Maria Lauff tem sido para mim uma protetora incansável e, em Boa Esperança, continuo a dedicar-me à paz dos nossos entes caros.

Agradeço tudo o que recebo de casa, especialmente nos Cultos do Evangelho no Lar e desejo muita felicidade às irmãs queridas.

Querido Papai Aurílio e querida Mamãe Edda, com a vovó Júlia, vovô João e todos os nossos, recebam a saudade e o carinho do filho sempre reconhecido.

CARLOS EDUARDO

CARLOS EDUARDO FRANKENFELD DE MENDONÇA

Querido Papai Aurílio e querida Mãezinha Edda.

Estou aqui participando de nossos diálogos, que de muito proveito me parecem.

Mãezinha Edda, a Homeopatia, graças a Deus, vem conquistando área para o seu crescimento maior.

Papai Aurílio, tenho estudado consigo, quanto possível, as sagradas letras, e estou lucrando muito, assimilando lições que nos ampliem os conhecimentos sobre Jesus.

Agora tenho tido algumas folgas e espero que meditações criativas somem nossos estudos.

Quero dizer à Mãezinha Edda que o estudo do Esperanto vem ganhando novos simpatizantes, com grande alegria para nós todos.

Nesses estudos incluímos a Homeopatia mais especializada e os efeitos são excelentes.

Desejo comunicar-lhes que vovô João Antônio Frankenfeld, creio que para me estimular, se faz aluno comigo no curso novo que a Mãezinha vem fazendo e estou admirado com a lucidez de que ele favorece amplo testemunho.

É comovente para mim, vê-lo sobraçando livros e extraindo conclusões.

Um amigo, de nome Napoleão Laureano, completa para nós o trio de muito esforço e, com isso, admito que a Homeopatia vai conquistando simpatias e cultores devotados.

Estou com o meu horário pleno de trabalho.

Saio do querido Lar dos Lauff muito cedo e vou cooperar com a Mamãe em benefício dos doentes, e procuro fazer quanto possível para ir sempre ver a nossa Liliãe e analisar os méritos da Fonoaudiologia.

Em seguida, na parte da tarde, com o vovô João e o Dr. Napoleão, estudamos nossas tarefas, geralmente com as fichas dos enfermos ao nosso lado devidamente copiadas, a fim de anotarmos, com pormenores, os medicamentos e os doentes.

Isso tudo tem sido uma boa prática.

A Homeopatia funciona sem atritos e sem choques e isso nos proporciona a alegria de ver muitos enfermos melhorando pacificamente, sem os remanescentes dos medicamentos que protegem certo órgão, mas prejudicando outros.

Tenho muito desejo de auxiliar a nossa Scheilla em seus trabalhos e a nossa Lívia em seus estudos.

Pouco a pouco, vou conseguindo conciliar os assuntos em meu favor.

Preciso de aquisições na Homeopatia em suas atuais renovações.

Por felicidade minha, tenho grande inclinação para o tratamento homeopático e, antecipadamente, já sei que vou obter muitos conhecimentos novos.

Papai Aurílio, não deixe a tristeza ou a melancolia entrar em seu espírito.

O coração é a porta da mente e a mente é um grande hotel de pensamentos.

Selecione os seus hóspedes, para que o ambiente lhe seja favorável.

O pessoal está cansado.

Viajaram e querem dormir.

Considerando isso, voltarei em outra ocasião para continuarmos neste assunto que é fértil em benefícios para a saúde humana.

A vovó Maria tem alcançado muito progresso.

Humilde e operosa, noto que ela vem conseguindo excelentes realizações na Vida Espiritual.

Papai Aurílio e Mãezinha Edda, transmitam, por favor, o meu “boa noite” a todos os nossos amigos presentes e recebam muito carinho e respeito, muitas saudades e todo o reconhecimento do filho que lhes pertence em nome de Jesus.

CARLOS EDUARDO

CARLOS EDUARDO FRANKENFELD DE MENDONÇA

Querida Mãezinha Edda e querido Papai Aurílio.

Estamos prosseguindo em nossas reuniões do Lar, onde procuro adestrar as forças da Mamãe para a escrita mediúcnica, que pode se caracterizar pela demora, mas que, a nosso ver, é o melhor processo para o desenvolvimento, porque não se apropria de qualquer partícula do discernimento, originário da consciência segura.

Saúdo os Queridos Pais e todos os nossos companheiros e agradeço o ensejo que me proporcionam, no sentido de expressar-me de algum modo.

Estou feliz, observando que os encargos de cada um daqueles que compõem a nossa nessa vão sendo nobremente cumpridos, e peço a Deus conservá-los sempre na disposição de compreender e servir.

Mãezinha Edda, ao seu coração o meu reconhecimento no esforço que desenvolve, a fim de conduzirmos os valores da Homeopatia, onde a nossa influência se faça possível.

Quero dizer aos Pais Queridos que o tempo me deu a forma do companheiro adulto que está deixando os derradeiros vestígios de imaturidade, para raciocinar e viver a tarefa em que me encontro.

Do ponto de vista da apresentação creio que, na fita métrica, sou um rapaz com um tanto mais de altura do que o Papai. Refiro-me à altura da forma humana, porque, da altura em que meu Pai se encontra, estou ainda muito longe.

Meu trabalho na Homeopatia continua sendo ativo e, para mim, fascinante.

Diariamente, ou quase diariamente, quando possível, vou ao encontro da Mãezinha Edda, tomar informes sobre os que pedem auxílio na Casa da Regeneração.

Essas primeiras notas do dia seguem comigo para a sede de nossas atividades, que se acham sob a orientação e revisão de assessores do Dr. Dias da Cruz, que se encarregam de visitar a moradia e ver as condições do enfermo que precisa ser medicado.

Os membros da família são examinados e o ambiente doméstico é rigorosamente observado pelo colega que foi, então, designado para anotar os elementos de que o doente faz a inalação. Se há entidades em processo obsessivo no lar visitado, esses espíritos necessitados de luz espiritual são vistoriados e, com esses ingredientes informativos, faz-se a ficha do irmão ou da irmã enferma, a fim de que qualquer irregularidade seja sanada.

Se há obsessores no caso, a Instituição do Dr. Dias da Cruz já possui turmas de entidades mais ou menos semelhantes a eles, para afastá-los da casa que está sendo socorrida.

O tratamento do enfermo começa com a limpeza do ambiente em que o irmão doente se encontra e, só depois da residência libertada, os agentes medicamentosos da Homeopatia passam a funcionar.

Se a moradia está excessivamente carregada de pensamentos infelizes, o tratamento é mais difícil e mais longo, entretanto, se o recinto doméstico se mostra limpo e isento de quaisquer influências nocivas, o tratamento encontra facilidades para se revelar.

Os Queridos Pais refletirão comigo na tristeza de se encontrar uma criança, ou mais propriamente um menor, obsediado, prejudicando o doente que se pretende auxiliar e, muitas vezes, tenho tido o honroso encargo de tornar a criança desvinculada daqueles irmãos desencarnados que a perturbam. Muito raramente vejo o Dr. Dias da Cruz, cuja simples presença nos impõe o respeito à sua pessoa, mas preciso referir-me a esse tópico porque, nos casos extremamente complicados, a autoridade dele nos impele, sem qualquer violência, a escolher o melhor.

Tudo devemos à sua bondade espontânea.

Outros médicos da Homeopatia ou não, por vezes simpatizam com os nossos serviços e aderem ao trabalho que estamos desenvolvendo e, vale dizer, que muitos desses médicos são espíritos corretos, que vieram da Terra na condição de analfabetos das realidades espirituais, à vista do materialismo em que se incrustaram. Esse nosso trabalho, unido ao Grupo Espírita Regeneração e outros setores, possui pequenas legiões de colaboradores que se dedicam aos serviços considerados mais pesados do ponto de vista espiritual. Creiam que é uma indescritível alegria a possibilidade de algo se fazer em benefício de doentes que se acham em trânsito para certos pavilhões de refazimento, depois de desencarnados.

Devo comunicar o meu trabalho em si, porque os Queridos Pais podem nos auxiliar nos Cultos do Evangelho no Lar com orações pelos desencarnados, orações essas que se associam às nossas no rumo dos objetivos a alcançar. Julgo necessário, porém, explicar que muitos enfermos colocados sob a nossa assistência, não possuem qualquer conhecimento acerca da morte do corpo, o que lhes dificulta a passagem por nosso pouso de trabalho, já que precisamos deixá-los devidamente esclarecidos.

Agora lhes direi as condições em que se acha o nosso tio Norman, a quem desejo ser útil.

Encontra-se sob a proteção de abnegados Mentores, recebendo o necessário tratamento. A questão, agora, é de trabalho que lhe exigirá tempo e esforço para se restabelecer plenamente. À nossa querida Scheilla, tenho procurado auxiliar quanto se me faz possível, à nossa Lívia, presto a colaboração possível nos estudos e, à Liliane, busco fortalecer para que ela esteja espiritualmente conosco, qual se estivesse em nossa própria casa.

Peço à Mãezinha Edda transmitir à vovó Júlia os meus votos de Feliz Natal e Feliz Ano Novo, votos esses que a vovó saberá distribuir, em meu nome, com todos os corações amigos que vibram e palpitam com os nossos próprios corações. Acreditem que estou feliz por abrir um

tanto, a cortina que vela os nossos trabalhos e desejaria exprimir-lhes o amor com que lhes trago os presentes assuntos.

O avô João Antônio está comigo e estende-lhes carinhosas saudações. Pensando em que já terei explicado o mecanismo das nossas tarefas que se processam no Regeneração, quero reunir Papai e Mãezinha Edda em meu abraço marcado de alegria e lágrimas, alegria pela oportunidade de servir e lágrimas iluminadas de saudade. Com o imenso amor com que me reconheço um trabalhador feliz, deixa-lhes o coração que fala muito mais que os vocábulos inventados pelo homem, com ilimitado carinho, o filho e companheiro de todos os instantes, sempre caminhando nos passos em que os Queridos Pais seguem para frente, o filho que os tem no íntimo por relíquias sagradas de minha passagem pela Terra, sempre afetuosamente,

CARLOS EDUARDO

MARIA JOAQUINA PINTO

Como são reconhecidos a amizade e o carinho dedicados ao semelhante em nossas vidas, no prazer em seguir adiante com os ideais da caridade cristã! Satisfazem em alegrias e paz aos que se identificam com essas atividades em levar ao carente a presença amiga e consoladora nos momentos de amargura, constantes no sofrimento terreno como pontos de luz ao engrandecimento do espírito.

Este reconhecimento é traduzido nas palavras de Maria Pinto à sua bisneta Dra. Beatriz Pinto, incentivando-a prosseguir na tarefa em benefício ao próximo necessitado, como prenda de Deus. Ainda o reencontro com suas amigas Dinha e Cida em Escola Hospitalar para a renovação dos seus espíritos.

Buscando informações sobre esses espíritos, encontramos nas palavras de Dra. Beatriz o seu relacionamento.

“Não conheci minha bisavó Maria e fiquei muito comovida em receber uma mensagem dela, trazendo notícias de Dinha, minha irmã espiritual, e de minha querida amiga Cida, que ajudou-me a cuidar de Dinha enquanto estava se preparando para sua passagem ao Plano Espiritual e desencarnando e também, três meses depois de Dinha.

Não querendo abusar da atenção que os Srs. Editores me dedicaram e como não tenho nenhuma foto para homenagear minha bisavó na página de lembranças gostaria de se possível, de homenagear também a minha querida amiga Cida com a sua fotografia ocupando o espaço destinado à Maria Pinto.”

Mensagem:

12 de dezembro de 1992

Bisneta:

Beatriz Pinto

Rua Laguna, 237/333 – Santo Amaro

CEP 04728-000 – São Paulo – Sp

Amigas da família:

Dinha – Neide Della Nina (desencarnada)

Cida – Maria Aparecida Roberto Manoel (desencarnada)

MARIA JOAQUINA PINTO

Nascimento:

29 de abril de 1868

Desencarnação:

11 de junho de 1919

MARIA APARECIDA ROBERTO MANOEL

Nascimento:

21 de setembro de 1954

Desencarnação:

31 de maio de 1992

MARIA JOAQUINA PINTO

Querida Beatriz

Tanto tempo de separação dos familiares mais novos, que agora lhe peço desculpas pelas palavras que lhe dirijo.

A sua disposição de seguir em benefício do próximo necessitado, é uma prenda de Deus e peço-lhe prosseguir em suas tarefas de beneficência e de amor ao filho dedicado que Deus concedeu a você.

Nossas irmãs Dinha e Cida estão numa escola hospitalar em que se renovam.

Visitei-as como filhas e apreciei a bondade que revelam.

São elas companheiras e a Cida chorou ao saber-me ter sido sua parenta e de estar abraçando as duas em seu nome.

Peço a você dizer isso ao seu menino, o filho do seu coração. Somos muito confortados aqui, os seus avós e bisavós, por sua aceitação da fé que está alimentando os seus pensamentos.

Louvado seja Deus!

Em outra ocasião escreverei mais e peço receber os meus votos de paz em Jesus.

Considere-me sua bisavó e amiga agradecida.

MARIA PINTO

NEIDE DELLA NINA

“Não perdi o bom humor e sim aprendi a assimilar novos modos de expressão. Não devo escrever brincando para que eu não pareça irresponsável.

Contar o que experimento com alegria, mas sem alegria demais, de maneira a não escandalizar a quem me leia.”

Graciosa maneira de identificar a responsabilidade espiritual sem perder o direito de se expressar.

Dinha aponta em sua carta à amiga Dra. Beatriz Pinto, a beleza da cidade em que se encontra, e afirma que não está mudada em sua personalidade e, sim, mais preparada. Que os ensinamentos aprovados na Espiritualidade resultam da aplicação constante da bondade e da vontade de servir com a discrição possível para não escandalizar os espíritos reunidos no Mundo Físico.

Ainda uma vez recorreremos à colaboração da Dra. Beatriz Pinto, para que ela pudesse nos dar algum apontamento da personalidade de Dinha, o que nos informou:

“As pessoas que conviveram com Dinha jamais irão esquecê-la. Foi uma mulher linda, carismática e bastante temperamental. Era muito falante e brincalhona e assim atraía a atenção de todos pela sua graça e maneira de se expressar.

Foi muito vaidosa e convencida de sua beleza. Nos últimos tempos de sua existência espiritualizou-se muito e se despiu totalmente de sua vaidade.”

Pela convivência dessas amigas, constataremos na carta de Dinha a confirmação de sua personalidade, colocando a mensagem espiritual como verdadeiro lenitivo para reconforto do espírito carente da paz e da fé que eleva a compreensão de que Deus é o nosso roteiro de saber e de amor.

Mensagem:**30 de julho de 1992****Amiga:**

Beatriz Pinto

Rua Laguna, 237/333 – Santo Amaro

CEP 04728-000 – São Paulo – Sp

Filhas:

Mônica Della Nina

Ana Cláudia Della Nina

Ana Paula Della Nina

Amiga:

Maria Eugênia

NEIDE DELLA NINA

Nascimento:

10 de novembro de 1941

Desencarnação:

17 de fevereiro 1992

NEIDE DELLA NINA

Querida Bê, Deus nos abençoe a todos.

Estou melhorada por frequentar uma escola de readaptação.

Os professores são diversos e os companheiros são muitos.

Quero falar a você que não estou mudada e, sim, mais preparada a fim de escrever como manda o figurino daqui.

A cidade em que me encontro é de grande beleza e sinto não dispor aqui de sua companhia para apreciarmos juntas quantas novidades me rodeiam.

Estou satisfeita ao ver nossa Maria Eugênia em sua companhia.

Aqui me ensinam que devo falar sem qualquer pitada de humor, para que a minha palavra seja construtiva; colocar atenção na linguagem, de modo a ser compreendida por nosso filho e por nossos filhos.

Conscientizar-me de que estou escrevendo para alguém, com a força de distribuir os meus pensamentos.

Escolher as maneiras de dizer aquilo que desejo, sem frases desnecessárias.

Contar o que experimento com alegria, mas sem alegria demais, de maneira a não escandalizar a quem me leia.

Entender que as minhas amizades estão no Mundo Físico onde todos os comunicados daqui são aprovados pelo bem que se possa fazer.

Devo comunicar o que construa elevação nas pessoas aí e não fornecer a idéia de estar num circo.

Isso tudo é ensinado com bondade para que não sejamos incompreendidos no mundo dos homens.

Não perdi o bom humor e sim aprendi a assimilar novos modos de expressão.

Não devo escrever brincando para que eu não pareça irresponsável.

Os professores me dizem que é muita gente para reconhecer que estou enviando observações aos amigos.

E isso, graças a Deus, eu já sei porque sempre zelei pela felicidade de minhas filhas e aproveitei o assunto para você pedir à nossa Cláudia que não deseje vê-la triste.

A Terra é uma região em que muito se sofre para aprender e precisamos aceitar essa verdade, procurando amenizar as provações dos outros.

Bê, você me desculpe se falei expressando-me com graça que provoque admiração naqueles que nos leiam os comunicados e, sim escrevemos para o bem de todos.

Devo ser espontânea, mas não tanto que outras pessoas me analisem acreditando que se possa fazer aqui tudo o que a gente quer, mas sim reconfortar os que sofrem e espalhar esperança naqueles que já perderam até a confiança em Deus.

Penso que hoje estou escrevendo na condição de pessoa agradável, mais séria como necessito ser.

Sei que você me quer bem como eu sou, no entanto, para afirmar que sinto tanto amor a você, não preciso colocar pensamentos de bom humor na cabeça dos outros.

Muitas lembranças a todos os corações ligados aos nossos e receba você um abraço de sua,

DINHA

RICARDO ROMANO SECCHIERI

Os dias passam e a saudade santificada no amor exerce, em cada coração, o vínculo que nos prende às lembranças de quanto nos queremos.

Cada filho, cada esposo, cada parente exercendo a função que lhes coube no seio familiar, relutam em compreender que o amor de Deus está presente na partida, parte dos compromissos gerados nas dificuldades está se cumprindo, levando para o amanhã as novas aspirações que a reencarnação completou.

Assim sendo, Ricardo, ao despertar na Espiritualidade, compreendeu que a liberdade na Terra é consistente de nossa presença, mormente quando nos reconhecemos compromissados e a desencarnação nos tira do compromisso fixado.

No seu pensamento expõe:

“Aí na Terra, muitas vezes na condição de homem, cremos que determinada jovem somente será feliz em nossa companhia, mas, se a desencarnação nos colhe em sua rede de sombras para o nosso despertar em nova luz, as nossas idéias se modificam.

Ficariamos felizes se alguém nos obrigasse a permanecer em solidão, a título de saudade?

Julgaríamos certo que uma pessoa querida nos sentenciasse à carência afetiva e abandono, tão só porque não somos os autores da felicidade que precisam usufruir?

Valoriza a Bondade Infinita dos Céus que se esmera em socorrer aos carentes filhos da Terra, aliviando-lhes as dores escoradas na saudade infinita.

Mensagem:

16 de maio de 1987

Pais:

Ricardo José Secchieri (desencarnado)

Aparecida Santos Secchieri

Rua Ararapira, 58

CEP 04069-010 – São Paulo – Sp

Irmãos:

Sidney Alexandre Secchieri

Ivete Adelina Secchieri

Vitotino: padrinho de Sidney

Policano: amigo de sua irmã Ivete

Sueli Maria: ex-namorada

RICARDO ROMANO SECCHIERI

Nascimento:

30 de julho de 1953

Desencarnação:

9 de fevereiro de 1985

RICARDO ROMANO SECCHIERI

Querida Mãezinha Aparecida, associando-me ao seu coração, articulo neste momento a imagem do Papai Ricardo, o sorriso da irmã Ivete e a bondade do meu irmão Sidney, com a fisionomia dos nossos mais íntimos para fazer por minha conta uma oração em conjunto, rogando a Deus nos abençoe.

Tantos dias já se passaram sobre o meu desenlace, com a perda do corpo, que a prece se me faz uma bênção que repito em todos os dias.

Do que me aconteceu no acidente havido, as minhas lembranças estão se apagando, exceção das recordações da família querida e de nossa querida Sueli Maria, cuja felicidade rogo à Divina Providência.

Mãezinha, esta é uma página de saudade e carinho para demonstrar-lhe que o esquecimento não existe entre os que se amam.

Agradeço suas preces e os seus pensamentos de apoio que me auxiliam desde o início de minha permanência aqui.

Creia que essa aflição do mundo familiar se nos renova nos corações e, de certo modo, nos prende ao campo terrestre, impedindo a nossa aspiração de altos cimos.

Somos uma só família, e como escalar a montanha da alegria sem aqueles que ainda vemos tangidos pelo sofrimento?

Por isso é que o seu Ricardo vem apagando as reminiscências infelizes sucessivas, na tela da memória, cada vez mais.

O quadro abençoado de nossa vida doméstica permanece.

Principalmente quanto à querida noiva.

O anseio de progresso, a fim de auxiliá-la a ser feliz é cada vez maior.

Aí na Terra, muitas vezes na condição de homem, cremos que determinada jovem somente será feliz em nossa companhia, mas, se a desencarnação nos colhe em sua rede de sombras para o nosso despertar em nova luz, as nossas idéias se modificam.

Ficaríamos felizes se alguém nos obrigasse a permanecer em solidão, a título de saudade?

Julgaríamos certo que uma pessoa querida nos sentenciasse à carência afetiva e abandono, tão só porque não somos os autores da felicidade que precisam usufruir?

Estou feliz porque, muito sinceramente, desejo a paz e a alegria de todos os nossos.

Agradeço o carinho com que me lembram, entretanto, não deixaria de sentir saudades de todos vocês, caso me distanciasse da lembrança.

Graças a Deus, tenho podido desprender mais tempo dentro de mim mesmo para aprender que somos todos filhos de Deus e que a Bondade Infinita do Céus se esmera em socorrer-nos a todos.

Peço-lhe continuar tranqüila e, quando se lhe faça possível, auxilie a outras mães que atravessam problemas de nos fazer chorar.

Que Deus ampare a todos como nos amparou.

Penso assim, recordando igualmente a proteção do Alto que suaviza as provas de nosso irmão Vitorino e do nosso amigo Policano.

Rendemos graças a Jesus e, por favor, não permita que os nossos me lastimem, pois temos recebido da Bondade de Deus o melhor que nos seria lícito obter.

Mãezinha Aparecida, peço distribuir com todos os nossos as minhas lembranças, e receba as muitas saudades envolvendo o carinho de seu filho, sempre reconhecido,

RICARDO